

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

O Jornalismo de Incentivo e os Danos à Informação:
Uma Análise Sobre a Cobertura Diária do Tupi Foot Ball Club

Juiz de Fora

Abril de 2013

Giovane Carvalho Rezende

O Jornalismo de Incentivo e os Danos à Informação:

Uma Análise Sobre a Cobertura Diária do Tupi Foot Ball Club

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para obtenção
de grau de Bacharel em Comunicação
Social na Faculdade de Comunicação
Social da UFJF

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Juiz de Fora

Abril de 2013

Giovane Carvalho Rezende

O Jornalismo de Incentivo e os Danos à Informação:

Uma Análise Sobre a Cobertura Diária do Tupi Foot Ball Club

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de
bacharel em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação da UFJF

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado

em 05/04/2013 pela banca composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (UFJF) – Orientador

Prof. Ms. Álvaro Eduardo Trigueiro Americano (UFJF) – Convidado

Prof. Ms. Ricardo Bedendo (UFJF) – Convidado

Conceito Obtido _____

Juiz de Fora

Abril de 2013

AGRADECIMENTOS:

A Deus.

A minha avó Maria Corrêa, minha tia Martha e meu avô Antônio por me iluminar, me proteger e me guiar.

Obrigado aos meus pais e aos meus irmãos Michelle e Gian pela luta do dia-a-dia e pelo apoio dado.

À minha família, em especial aos meus tios Rafael e Luzia, por acreditar em mim.

Márcio Guerra pela confiança e oportunidades dadas.

Professores e funcionários, pela atenção e cuidado que sempre tiveram.

Rádio Facom, Rádio Catedral e D.A., pelo aprendizado e por fazer com que eu tivesse me sentido em casa sempre.

Marianna, pela amizade, carinho e força.
Ao Bruno Ribeiro por ser meu mentor.

Aos meus amigos conquistados durante esses dias de faculdade, por terem ajudado a transformar esses quatro anos de graduação em quatro anos de alegria.

RESUMO

Este trabalho visa identificar o que é produzido pelos jornalistas esportivos que cobrem o único time de futebol profissional de Juiz de Fora, o Tupi Foot Ball Clube, observando a prática de um novo tipo de jornalismo, o “Jornalismo de Incentivo”. O objetivo foi descobrir se, em uma cidade com apenas um time profissional, podemos observar a manifestação do “jornalismo de incentivo” e suas consequências na cobertura dos veículos locais, como os prejuízos e possíveis danos à informação e, por consequência, ao próprio clube e ao torcedor. Uma pesquisa realizada com jornalistas esportivos e torcedores do Tupi procurou investigar como o jornalismo esportivo é conduzido na cidade de Juiz de Fora e como os torcedores entendem essa prática.

Palavras-chave: Jornalismo de Incentivo, cobertura esportiva, Tupi, Juiz de Fora

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	06
2 A HISTÓRIA POR TRÁS DO GALO CARIJÓ.....	09
2.1 O “FANTASMA DO MINEIRÃO”	11
2.2 O RETORNO CARIJÓ.....	13
3 A HISTÓRIA DO JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL.....	19
3.1 SURGE A PAIXÃO NACIONAL NO PAÍS DO FUTEBOL.....	20
3.2 O JORNALISMO ESPORTIVO EVOLUI NO BRASIL.....	22
3.3 O JORNALISMO ESPORTIVO EM JUIZ DE FORA.....	30
4- JORNALISMO ESPORTIVO E AS FUNÇÕES DO SETORISTA.....	35
A PAIXÃO E O JORNALISMO DE INCENTIVO.....	39
5- ESTUDO DE CASO.....	44
5.1. QUESTIONÁRIOS DOS JORNALISTAS.....	44
5.2 QUESTIONÁRIOS DOS TORCEDORES.....	51
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
7- REFERÊNCIAS.....	59
8- APÊNDICE.....	62
8.1. JORNALISTAS	62
8.2 TORCEDORES	91

1- INTRODUÇÃO

Dentre as diversas vertentes do jornalismo, a de esportivo é uma das mais controversas e a que mais mexe com a paixão dos leitores. Partindo desse princípio, é possível observar algumas variações dentro da própria editoria. O objetivo deste trabalho é mostrar e analisar um novo tipo de jornalismo que é praticado, o “jornalismo de incentivo”, termo este que foi criado pelo Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra, professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Para fazer uma análise desse novo tipo de jornalismo, levaremos em conta o papel do profissional da área, suas responsabilidades profissionais, quais são os preceitos básicos da construção de uma notícia e principalmente o que o diferencia das demais editorias. Analisaremos o jornalismo esportivo de Juiz de Fora e a cobertura do único clube de futebol profissional da cidade: o Tupi Foot Ball Club. Para isso é necessário que passemos por um breve histórico do clube. O surgimento, o desenvolvimento e as principais conquistas durante os cem anos, que foram completados no ano de 2012.

É importante também passar pela história da profissão no país para analisar as novas vertentes do jornalismo. Para isso foi contado como foi o surgimento da editoria de esportes, passando desde a introdução do futebol no país, a evolução do esporte e como a cobertura foi se aprimorando durante os tempos até os dias atuais. Desde o impresso, passando pelo rádio e chegando à TV é importante traçar todas as dificuldades pelas quais passaram os profissionais até chegarmos aos dias de hoje.

Dentro da parte histórica, é importante citarmos também o surgimento do jornalismo esportivo em Juiz de Fora, até como forma de demonstrar como chegamos aos moldes da cobertura esportiva que alcançamos nos dias de hoje. É interessante também demonstrar como ele se desenvolveu e o pioneirismo das principais mídias locais.

Dentro das particularidades do jornalismo esportivo local vamos observar também a relação de dependência que a mídia de Juiz de Fora possui pelo único time profissional da cidade e o quanto essa situação pode ser prejudicial. Para fazermos essa análise será observado um novo tipo de jornalismo, que é facilmente notado entre os principais veículos que produzem conteúdo sobre o Tupi.

Antes de apresentar esse novo tipo estudado, as principais funções do jornalista esportivo serão mostradas. É importante observar como o setorista esportivo se difere das outras editorias, como deve ser a estrutura das notícias e as principais técnicas que devem ser observadas, assim como os preceitos básicos pelos quais o jornalista deve se manter fiel.

Além disso, avaliaremos a relação entre o jornalista esportivo e a paixão gerada pelo esporte. Pois, a partir daí, poderemos avaliar como o novo tipo de jornalismo praticado pela mídia juiz-forana influencia na produção de notícias.

Para responder essa pergunta foi feito um questionário com jornalistas da cidade sobre as particularidades da cobertura esportiva na cidade e sobre quais são as opiniões em relação ao que é produzido. Foram ouvidos também torcedores do Tupi sobre a avaliação que fazem das coberturas dos veículos da mídia juiz-forana.

A partir desses questionários e com o cruzamento de informações de um com o outro, podemos chegar a uma conclusão sobre o tipo de jornalismo que vem sendo feito na cobertura esportiva da cidade e as consequências geradas por essa prática.

2- A HISTÓRIA POR TRÁS DO GALO CARIJÓ

Para poder contar a história do Tupi Foot Ball Club, é necessário que voltemos ao ano de 1911. Fundado em 15 de agosto, o Tupynambás Futebol Clube, situado no bairro do Poço Rico, é o clube mais velho de Juiz de Fora. Oito meses depois, em 26 de maio de 1912, um grupo de jovens fundou o *Tupi Foot Ball Club*, naquilo que teria sido uma cisão vinda do rival. Foram nomeados, José André Bastos, como presidente e Antônio Maria Júnior, o *Carijó*¹, como vice-presidente.

No mesmo ano, a equipe realizou o seu primeiro jogo oficial. Em partida realizada no campo da Alfândega (que ficava onde hoje é a Praça Antônio Carlos), Tupi e Tupynambás empataram por 1 a 1. O primeiro quadro alvinegro foi formado por Bamback, Caetano e Antônio Jung; Vasco, Hernani e José Costa; Timponi, Brito, Orlando Carvalho, Bacco e Othello Rossi, que também era tesoureiro do clube².

O primeiro título oficial do Galo Carijó veio apenas em 1921. A equipe que venceu o Campeonato Citadino de Juiz de Fora contava com Oto, Raul e Chiquinho; Tininho, Phtophysio e Felipe; Bacuri, Felício, Lalinho, Daniel e Maximiano³. Desde então foram mais 22 títulos da cidade, o que transformou o Tupi no maior ganhador da história do torneio.

¹ O apelido do dirigente daria origem ao que até hoje segue como alcunha auxiliar do clube: “Galo Carijó”.

² Revista do Tupi. Ano 1 – Nº 1, junho de 1982

³ Revista do Tupi. Ano 1 – Nº 1, junho de 1982

O Estádio Salles Oliveira, casa do clube e atual local de treinamento e partidas das equipes juniores, foi inaugurado em 1932. Para a primeira partida, foi chamado o Clube de Regatas Vasco da Gama - RJ. O jogo terminou em 1 a 1. O primeiro gol da nova casa do Tupi foi marcado por Bianco, jogador do alvinegro juiz-forano. As duas equipes que entraram em campo foram formadas por Paschoal (Armando), Nariz e Belozzi; Caiana, Lima e Magalhães; Vavá, Miro, Lage, Bianco e Nery pelos carijós e Marques, Domingos e Itália; Tinoco, Mamão e Lino; Baiano, Paschoal, Russinho, Mário Matos e Santana pelos vascaínos⁴.

Dois anos mais tarde, já profissional, o Tupi conquistou a sua maior posição na história dos campeonatos estaduais. Em 1933, o clube se sagrou vice-campeão Mineiro após derrotar equipes como Atlético, América, Cruzeiro e Sport. O elenco que foi derrotado apenas três vezes na competição, sendo uma delas para o campeão Villa Nova, era composto por Adinho, Paixão, Belozzi, Lage, Miro, Jairo, Oliveira, Caiana, Coruja, Onestaldo, Magalhães, Lima, Bianco, Nery, Geraldinho e Michel⁵. O Carijó voltaria às competições estaduais apenas 36 anos depois ficando na oitava posição. O clube se manteve disputando apenas o torneio cidadão⁶ durante esse período.

⁴ Revista do Tupi. Ano 1 – Nº 1, junho de 1982

⁵ Revista do Tupi. Ano 1 – Nº 1, junho de 1982

⁶ Torneio municipal organizado pela Liga de Futebol de Juiz de Fora.

2.1 - O “FANTASMA DO MINEIRÃO”

Ao fim do ano de 1965 o Tupi tinha feito uma das suas piores campanhas no Campeonato de Juiz de Fora. Apesar disso, o Cruzeiro, que havia sido campeão da Divisão Extra da Federação Mineira, aceitou um convite para uma partida amistosa com a equipe alvinegra na Zona da Mata Mineira.

Surpreendentemente, o Carijó venceu a partida em casa por 3 a 2 e deu origem ao mito do “Fantasma do Mineirão”, naquele que pode ser definido como um dos maiores momentos da história do Tupi Foot Ball Club.

O time treinado por Geraldo Magela Tavares era formado por Waldir, Manoel, Murilo, Dário e Walter; Mauro, França, João Pires, Toledo, Vicente e Eurico, vencida a equipe lendária do Cruzeiro, com craques como Piazza, Dirceu Lopes e Tostão.

O feito atraiu a equipe do Atlético, que decidiu enfrentar o Tupi, dessa vez no estádio Mineirão. Era a chance de o maior rival provar que poderia vencer qualquer um que derrotasse a “raposa”. Nova vitória alvinegra, dessa vez por 2 a 1, em frente à grande torcida atleticana.

Em busca de vingança, já que a equipe do interior vinha desmoralizando o futebol da capital, o América Futebol Clube - MG, também de Belo Horizonte, recebeu o time juiz-forano para mais um amistoso e acabou sendo derrotada por 2 a 1.

Após as três vitórias famosas, o Tupi foi convidado pelo América para a disputa de um pentagonal, que se transformou em quadrangular, com a desistência da Sociedade

Esportiva Palmeiras - SP. O evento contou com Cruzeiro, o próprio América, e o Botafogo Futebol e Regatas – RJ. No torneio, a equipe Carijó venceu o Cruzeiro por 2 a 1, empatou com o Botafogo, por 0 a 0, e foi derrotado apenas na final para o América.

O feito, além de garantir a alcunha de *Fantasma do Mineirão*, chamou atenção de todo o país. Uma equipe interiorana vencer tantos “gigantes” fora de seus domínios impressionou também a Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

O Tupi acabou sendo convidado para um amistoso contra a Seleção Brasileira em Caxambú - MG, local onde o escrete canarinho se preparava para a Copa de 1966, que seria realizada na Inglaterra. O resultado foi surpreendente. O Carijó, com gol de João Pires, empatou com a seleção de Pelé por 1 a 1.

Cabe destacar que grande parte do elenco juiz-forano era formada por atletas da região, criados no próprio clube, o que torna o feito uma das maiores glórias do Tupi no cenário futebolístico nacional.

Após os momentos felizes, o Carijó retornaria à disputa do Campeonato Mineiro em 1969, ficando apenas na oitava posição. Nos anos seguintes, apenas participações medianas. Em 1973 o Tupi acabou tendo que paralisar o futebol profissional por problemas financeiros, voltando apenas em 1980.

2.2 - O RETORNO CARIJÓ

Um grupo de torcedores do Tupi, liderados por Walter Côrrea (o Canário), e que contava com a participação de grandes nomes da história do clube como Geraldo Magela, Adão Vadeck Acaui, João Pires, Paulo Neves, Ouadi Salomão (Dadú), Jorge Aleixo e Rui Lacerda, assumiu o Galo e deu o pontapé inicial para o retorno do Carijó aos gramados em 80 (TESTA, 2008, p. 17). Mas apenas na gestão de Maurício Baptista de Oliveira, o clube reconquistou a posição de destaque no cenário estadual, com dois títulos de Campeão Mineiro do Interior em 1985 e 1987.

Comandado por Maurício, que assumiu a presidência em 1984, o Tupi passou por uma transformação estrutural e recebeu várias obras, como a de revitalização do Estádio Salles de Oliveira, a construção do restaurante na sede social, a reconstrução do parque aquático e diversas outras melhorias.

Maurício Baptista era também presidente da SEG – Serviços Especiais de Guarda - e de lá partiu grande parte dos investimentos que ajudaram no crescimento do clube (TESTA, 2008, p.20).

A equipe viveu momentos de altos e baixos durante a década de 90, período no qual pôde contar com o Estádio Municipal Radialista Mário Helênio, inaugurado em 30 de outubro de 1988. Com a saída do presidente, o Tupi passou a amargar resultados inexpressivos no campeonato estadual, o que, anos mais tarde acabou culminando no rebaixamento da equipe para o Campeonato Mineiro do Módulo II.

Passando por problemas financeiros o Carijó já não conseguia se manter competitivo no futebol profissional. Visando uma evolução no esporte da cidade foi

criada a Cooperativa Manchester de Futebol, que era a junção dos três maiores clubes de Juiz de Fora - Sport, Tupi e Tupynambás – inspirados na experiência de sucesso do Paraná Clube – PR, que foi formado da fusão entre Colorado e Pinheiros, ambos da cidade de Curitiba.

O Manchester disputou a segunda divisão em 1994 e conseguiu o acesso. No ano seguinte, a equipe realizou uma campanha fraca, motivada pelas diferenças existentes entre os três clubes, principalmente nas questões estruturais e estatutárias (TESTA, 2008, p.26).

Com a queda, a cooperativa foi desfeita e o Tupi acabou relegado à segunda divisão estadual em 1996, só retornando à elite do futebol estadual em 2001, com o título do Módulo II do Campeonato Mineiro.

Em 1997, o clube viveu uma de suas maiores decepções. Após ter amargado um terceiro lugar no módulo II do estadual, ficando atrás do Ipiranga de Manhuaçu e do Nacional de Uberaba, o Tupi acabou sendo chamado para a disputa do Campeonato Brasileiro da Série C.

Tudo indicava que a campanha seria muito boa. O Carijó fez um primeira fase sem atropelos e conseguiu uma vitória histórica contra o Avaí – SC, por 8 a 1 na partida de ida em Juiz de Fora, já na fase de mata-mata.

Classificado para o quadrangular final, o Tupi fez uma boa campanha no primeiro turno, o que levou o time a precisar de apenas três pontos em três jogos a se jogar. Duas dessas partidas seriam em casa. E o pior aconteceu. Foram três derrotas, sendo a mais sofrida contra o Sampaio Corrêa, em casa, onde o Carijó acabou perdendo

por 1 a 0 e dando adeus às chances de alcançar a Série B do Campeonato Brasileiro pela primeira vez em sua história.

Nos anos seguintes vieram campanhas fracas no módulo II. Apenas em 2001, com uma equipe formada majoritariamente por pratas da casa e comanda inicialmente por Wellington Fajardo, que o clube finalmente conseguiu o acesso à primeira divisão do futebol de Minas Gerais e o seu primeiro título profissional da história. A equipe era formada por Paulo César, Serginho, Reginaldo, André Luiz, Moisés, Chem, Sérgio Alves, Jairo, Alírio Junior, Wesley e Alexandre Alvim (TESTA, 2008, p. 32). O técnico do Tupi na fase final do torneio foi Ademir Fonseca.

No ano de 2003, após a criação de uma parceria com a rede de supermercados Bretas, o Galo montou um elenco forte, que contava, inclusive, com a presença do jogador Muller, tetra campeão mundial com a Seleção Brasileira. A parceria, que inicialmente teria duração de cinco anos, culminou em uma excelente participação no Campeonato Mineiro e com o título do interior, após ter terminado em quarto lugar, atrás apenas de Cruzeiro, Atlético e América.

Classificada para a Série C, a equipe carijó chegou até as quartas de final e acabou eliminada pelo Bragantino – SP. Esse resultado acabou sendo um dos motivadores para a rescisão contratual do clube com o Bretas. O acordo, que valeria por cinco anos, acabou durando apenas um.

No ano seguinte, em 2004, já sem o seu principal parceiro, o Carijó disputou a Copa do Brasil pela primeira vez graças a campanha feita em 2003. Após vencer o Bangu Atlético Clube - RJ, o Tupi acabou eliminado pelo Clube de Regatas do Flamengo - RJ.

No mesmo ano, a equipe acabou rebaixada para o Módulo II do estadual. Em uma campanha que começou boa - foram três vitórias seguidas contra Uberaba URT de Patos de Minas e Rio Branco de Andradas. Depois disso, a trajetória foi ruim e após diversos tropeços o Tupi acabou rebaixado.

Em 2006, outra parceria foi firmada, dessa vez com a Organização Panorama de Comunicação (OP.COM), comandada por Omar Peres⁷. Além de ajudar o clube estruturalmente, inclusive com a escolha de um centro de treinamento onde os jogadores pudessem treinar e se concentrar, os parceiros criaram uma nova diretoria de futebol, que contava com a participação do ex-jogador Alemão, com passagens pelo São Paulo, Napoli da Itália e Seleção Brasileira.

O resultado foi instantâneo. O clube conseguiu o acesso para o módulo I já no primeiro torneio disputado, sendo o vice-campeão. E o acesso veio de forma histórica. O time carijó precisava vencer por dois gols de diferença a equipe do Juventus de Minas Novas e torcer para que o Uberaba não vencesse o já eliminado Valério de Itabira em casa. O dever de casa foi feito com a vitória do Galo por 3 a 1. Restava agora torcer para que a equipe de Itabira segurasse o empate em pleno estádio Uberabão. O público de menos de duas mil pessoas, presentes no Estádio Municipal Radialista Mário Helênio acompanhou, em silêncio, pelo sistema de som do estádio, uma rádio de Uberaba que transmitia o restante do jogo. Empate confirmado, assim como o acesso carijó.

Também em 2006, na disputa da Taça Minas Gerais, o clube tentou a contratação de Romário, craque mundialmente famoso, que chegou a treinar com a

⁷ Empresário de comunicação. Era dono da TV Panorama, afiliada da TV Globo em Juiz de Fora, do Jornal Panorama e da Rádio Panorama.

equipe, mas não pode entrar em campo por já ter atuado por mais de duas equipes no intervalo de um ano (TESTA, 2008, p.44).

No ano seguinte, a parceria se manteve apenas até o fim do estadual. Depois de 20 anos, o Tupi chegava novamente às semifinais do torneio estadual, após uma excelente campanha no campeonato. A derrota para o Cruzeiro acabou selando o fim da era OP.COM no Carijó. Entre a disputa das duas partidas da semifinal, os jogadores alvinegros fizeram uma greve pelo pagamento da premiação relativa à classificação do clube no Mineiro. O fato acabou resultando em uma goleada para a equipe de BH por 4 a 0. O evento desgastou a parceria que acabou sendo rompida.

Depois disso, o time carijó conseguiu se recuperar dentro de campo apenas no ano de 2008. Nesse ano, o Tupi foi Campeão Mineiro do Interior e conquistou a Taça Minas Gerais, que classificou a equipe para a sua segunda Copa do Brasil. O título veio após a vitória em cima do América. A vitória por 3 a 1, fora de casa, e a derrota, em Juiz de Fora, por 2 a 1 garantiram a taça. No ano seguinte, na Copa do Brasil, a equipe juiz-forana, acabou eliminada na primeira fase para o Criciúma - SC.

Em 2011 o Tupi conquistou um dos maiores feitos da história do clube. A primeira conquista nacional do Galo Carijó foi a Série D do Campeonato Brasileiro. Após primeira fase irregular, o time engrenou na reta decisiva e eliminou oponentes como o Volta Redonda Futebol Clube - RJ, a Associação Atlética Anapolina – GO e o Oeste Futebol Clube – SP.

Na final, o Tupi enfrentou o Santa Cruz Futebol Clube – PE, tradicional equipe do futebol nacional, e venceu as duas partidas. Em Juiz de Fora, foi 1 a 0, gol de

Ademílson. Em Recife, diante de um público de quase 55 mil presentes, o Carijó venceu por 2 a 0, com gols de Allan e Henrique, levantando assim a taça de campeão.

Em 2012, o Galo começou bem. Após um início ruim, com três derrotas seguidas, o Tupi sagrou-se Campeão Mineiro do Interior e garantiu vaga na Copa do Brasil 2013. Mas, no Campeonato Brasileiro da Série C, o clube decepcionou. Depois de uma longa pausa do torneio, devido a problemas judiciais⁸, que acabou levando mais de um mês, a equipe não conseguiu repetir o ano anterior e foi rebaixada para a Série D. O Carijó foi o último colocado do grupo B, com apenas 14 pontos em 18 jogos.

⁸ Grêmio Esportivo Brasil de Pelotas – RS e Treze Futebol Clube – PB entraram na justiça comum exigindo vaga na competição, feito que é proibido pela FIFA, a entidade máxima do futebol. O clube gaúcho havia perdido pontos na edição anterior por escalação de jogador irregular e com isso rebaixada à série D. Já o clube paraibano pleiteava a vaga por ter sido quinto na série D do ano de 2011. A competição foi paralisada e só entrou em andamento após a entrada do Treze no Grupo A e a confirmação do Brasil na série D do Brasileiro do mesmo ano.

3- A HISTÓRIA DO JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

Desde o início do século XX, o jornalismo esportivo está presente no Brasil. Inicialmente elitizado, aos poucos, e com a criação e surgimento de novas mídias, foi se modificando, atingindo a população brasileira e possibilitando que um esporte começasse a se espalhar ainda mais: o futebol.

O esporte, que hoje é paixão mundial, não tem ao certo o seu local de origem. Em GUERRA (2002, p.15), podemos ver que diversos países apresentaram ter o conhecimento de uma forma rudimentar do futebol. As mais notáveis são a China, com o *Kemari*, jogado com uma bexiga; a Roma antiga, com o *Harpastum*; na América pré-colombiana, onde os índios perseguiram uma bola de látex; e também durante a Idade Média, onde era disputado na terça-feira de carnaval uma espécie de jogo violento, onde o objetivo era levar uma bola, ou algo de formato esférico, para dentro dos portões da cidade, fazendo uso da força e sem regras. Oficialmente, o futebol foi criado, da maneira mais próxima como conhecemos hoje, no dia 1º de dezembro de 1863 na Inglaterra.

A regulamentação do esporte surgiu um pouco mais cedo, no mesmo ano. Em 26 de outubro de 1863 foram criadas as regras, a definição de onze atletas para cada lado, as posições e o tempo das partidas.

Em 1931, o jovem narrador Nicolau Tuma convenceu a *Rádio Educadora Paulista* a realizar a primeira transmissão de uma partida de futebol em sua íntegra. O jogo entre a seleção paulista e a paranaense foi a primeira experiência que um ouvinte pode ter de um grito de gol em terras brasileiras. Na época não havia numeração nas

camisas, o que fez com que Tuma improvisasse e chamasse os jogadores por suas características físicas, transformando em apelidos. Em um depoimento de Nicolau Tuma, que está presente em RIBEIRO (2007, p.76), ele conta sobre o seu estilo inconfundível, que lhe renderia o apelido de “speaker metralhadora”.

Eu nunca gritei aquele gol esticado, demorado. Sempre achei que o ouvinte queria saber logo quem tinha marcado, o nome do jogador, como ele estava comemorando. Durante todo o jogo, a minha única preocupação era não parar de falar. Eu achava que se o ouvinte ficasse um segundo sem ouvir nada, mudaria de estação. Então, não parava.

Estava introduzida no país a narração esportiva. Porém, como podemos ver também no trabalho de André Ribeiro, a cobertura esportiva é ainda mais antiga.

3.1- SURGE A PAIXÃO NACIONAL NO PAÍS DO FUTEBOL

Com a introdução do esporte em 1894, por Charles Miller, gradativamente, assim como aparecia o interesse popular pelo novo esporte, que era elitizado no início, surgiam na mesma velocidade os primeiros veículos de cobertura jornalística.

Com Charles, vieram os primeiros equipamentos para a prática do esporte. Um ano mais tarde, em 1895, na cidade de São Paulo, acontecia o primeiro jogo oficial em território brasileiro. O São Paulo Athletic Club, que contava com associados que trabalhavam em empresas inglesas instaladas no país, se dividiu em duas equipes para a

partida. Já o primeiro time formado por brasileiros foi a Associação Mackenzie College, também da capital paulista (GUERRA, 2002, p.17)

Entre os nomes importantes para a implementação do esporte no país, citado em GUERRA (2012, p.24), estão também os de Hans Nobling, alemão, fundador do Sport Club Internacional, e Oscar Cox, carioca, fundador do Paissandu.

Nobling chegou ao Brasil em 1897. Ajudou no surgimento do esporte ao fundar o Internacional, mas como queria que o time chamasse Hamburgo e, por votação, acabou derrotado, mudou-se para São Paulo e fundou o Germânia, atual Pinheiros. Já Cox, participou ativamente do futebol carioca. Além de ter fundado o Paissandu, clube que reivindica a primazia no futebol brasileiro, foi o primeiro presidente e um dos fundadores do Fluminense Futebol Clube⁹.

De acordo com GUERRA (2002, p.18), existem registros de que rapidamente operários e lavradores começaram a praticar o futebol de forma improvisada, usando bola de borracha, tijolos para as traves e com os pés descalços. E essa evolução foi acompanhada pela imprensa esportiva, que cresceu junto com o esporte e começou a se desenvolver nas mídias presentes na época, mesmo que ainda de forma tímida.

⁹ A fundação do Fluminense Football Club. **Site Oficial do Fluminense**. Acessado em 25/02/2013

3.2- O JORNALISMO ESPORTIVO EVOLUI NO BRASIL

Com a criação, em 1904, do primeiro Guia do Foot-ball, lançado por Mário Cardim, em São Paulo, começaram também as publicações exclusivamente esportivas no Brasil. As coberturas feitas pelos jornais da época possuíam ainda uma linguagem mais específica e voltada ao público elitizado que acompanhava o futebol. Aos poucos, foi notado que o pequeno espaço dado à cobertura esportiva não acompanhava o crescimento da prática no país e se mostrou necessário que os periódicos trouxessem setores exclusivamente voltados ao futebol.

No Rio, o jornal *A Gazeta de Notícias*, que mantinha um pequeno espaço apenas, criou uma seção fixa diária, com duas colunas e denominou de *Gazeta dos Sports*. Isso foi motivado pela criação da Liga Metropolitana, que organizou o primeiro Campeonato Carioca em 1906, já com times como Botafogo, Fluminense e Bangu.

Após a criação da *Gazeta dos Sports*, surgiram outros jornais com setores específicos e a cobertura se expandiu, ajudando a popularizar ainda mais o esporte. Quando o futebol começou a deixar de ser amador e abrir espaço para o profissionalismo, alguns jornalistas, que eram atrelados a alguns clubes tradicionais, deixavam de dar credibilidade às ligas profissionais que se formavam, defendendo o interesse dos “amadores”.

Segundo RIBEIRO (2007, p.85), “se o futebol brasileiro tornava-se profissional, a imprensa esportiva precisava acompanhar seus passos”. Era necessário que a cobertura fosse realizada com profissionalismo, e a figura do “repórter amigo do clube”, como

citado, fazia nascer a profissão do jornalista esportivo, evitando o deslocamento de repórteres de outras áreas para noticiar esse tipo de eventos.

Em 1930, surge a figura do comentarista no rádio esportivo. Em geral, eram profissionais que trabalhavam nos impressos e no intervalo faziam uma espécie de resumo da partida. No ano de 1934, surge o primeiro sinal sonoro em transmissões radiofônicas. Mais tarde, esses sinais se transformariam nas famosas vinhetas (GUERRA, 2012, p.33)

Em 1940, como descrito em GUERRA (2002, p.20), a Rádio Panamericana, hoje Jovem Pan (SP), inovou e trouxe também peças importantes nas transmissões, como o comentarista de arbitragem, Flávio Iazetti (o juiz do juiz), o plantão esportivo e o primeiro departamento esportivo em uma emissora do país. A Panamericana se especializava como rádio esportiva.

Falando-se nesse veículo, é importante citar a presença de narradores pioneiros. Ary Barroso, e sua gaita, Oduvaldo Cozzi, inicialmente revelado no automobilismo, Luís Alberto, um dos pioneiros no uso de expressões idiomáticas, e Rebello Junior, com o primeiro “gol esticado”.

Com o crescimento do rádio no país, veículo que se mostrou muito popular, cada vez mais se abria espaço para os programas chamados de “mesa redonda”, onde comentaristas e jornalistas discutiam sobre os campeonatos disputados, emitindo opinião. A paixão do torcedor chegava às rádios brasileiras. Em 1948, surgia o plantonista. Segundo GUERRA (2002, p.20), é “um profissional que é extremamente valorizado, já que atua nos bastidores e traz aos ouvintes os resultados de outros jogos”.

As transmissões da época eram bastante deficitárias e problemáticas. Como podemos ver em GUERRA (2012, p.34), além das dificuldades técnicas enfrentadas, a infraestrutura era ruim, o que demandava criatividade do narrador e de sua equipe. Muitas jornadas eram transmitidas no “escuro”, ou seja, o narrador só sabia se ela havia dado certo ao término da partida.

Com o passar do tempo, o futebol desenvolveu característica e linguajar próprio no país. Termos ingleses como *offside*, *fullback*, entre outros, foram substituídos por impedimento, zagueiros etc. Isso abriu cada vez mais as portas para que o torcedor menos favorecido pudesse ter ainda mais acesso ao esporte.

No dia 18 de setembro de 1950, foi fundada a primeira emissora de TV da América Latina, a Tupi de São Paulo. O responsável foi Assis Chateaubriand, dono dos Diários Associados, que assumiu o formato norte-americano. Pouco tempo mais tarde, em 1951, no dia 20 de janeiro, foi fundada a TV Tupi Rio de Janeiro. Segundo GUERRA (2012, p.98), no fim da década de 1950, dez emissoras já funcionavam no Brasil.

Das rádios para as TVs. As transmissões esportivas logo assumiram os seus lugares nas telinhas. José Cunha e seu bordão “tá láááááá...” fez sucesso na TV Tupi. Na TV Continental, Waldir Amaral dividia com a rádio as transmissões esportivas. Em 1953, Paulo Machado de Carvalho criou a TV Record, e em 1965 surgiu a TV Globo, de Roberto Marinho, que relutou em aderir às transmissões esportivas, mas, em questão de tempo, todas as emissoras tinham a sua equipe esportiva (GUERRA, 2012, p.100).

Na década de sessenta, Luiz Mendes e sua *Grande Resenha Facit* trouxe as mesas redondas, oriundas da programação radiofônica para a televisão. Nomes como

Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira compunham o programa, no qual cada um deles fazia a representação do time que torcia nas discussões esportivas.

Em 1966, surgia uma das referências em jornalismo esportivo. Chefiado por Mino Carta, o *Jornal da Tarde* surgia e trazia em sua equipe esportiva jornalistas como Tão Gomes Pinto, Sérgio Pompeu e Hamilton Almeida. Como podemos ver em RIBEIRO (2007, p.197), o *JT* “tinha como missão romper completamente com a linha editorial praticada em décadas anteriores pela maioria dos jornais esportivos do Brasil” e para isso, a jornada para quem queria se tornar repórter era mais longa, chegando a ter 24 horas de duração, mas os salários eram maiores do que o de outras redações. Esse periódico surgia em um dos períodos mais complicados para o jornalismo: A ditadura militar.

Em pouco tempo, como conta RIBEIRO (2007, p.199), o *JT* se tornou referência na área, passando a ser temido por atletas, técnicos e dirigentes. Além disso, o periódico foi premiado por suas reportagens com o prêmio Esso, a maior premiação do jornalismo brasileiro. A produção de reportagens mais elaboradas sobre o esporte diferenciou o *Jornal da Tarde* de outros concorrentes.

Durante o período, em 1967, surgiam novas mesas redondas também na televisão. Comandado por Sílvio Luiz, o programa *Na Boca do Tigre*, foi criado na TV Record, trazendo conteúdo polêmico e contando com as presenças de Raul Tabajara, Orlando Duarte, Paulo Planet Buarque e Flávio Iazetti.

“O regime autoritário fez com que figuras lendárias da imprensa esportiva passassem a ser discriminadas por companheiros da própria profissão”, conta RIBEIRO (2007, p. 204). O Brasil vivia ainda sob a ditadura militar, o que alterou a forma e o

modo como os jornalistas se expressavam. O esporte passou a ser tratado como o “ópio do povo” e a editoria começou a ser inferiorizada perante os jornalistas engajados e pelos intelectuais. E isso perdurou pelas próximas duas décadas.

Em 1969 surgia outra revolução. Ao acompanhar o desembarque da Missão Apolo na lua¹⁰, o chefe de jornalismo da Rádio Globo do Rio de Janeiro, Waldir Amaral, requisitou a compra do microfone sem fio, produzido pela Motorola e que foi utilizado no espaço. A empresa não aceitou a permuta¹¹, como conta RIBEIRO (2007, p.209), e Waldir resolveu levar os equipamentos e substituir o logo da empresa presente nos aparelhos pelo nome *Apolinho*. O repórter Washington Rodrigues, recém-contratado pela Globo, ficou com os microfones e com o apelido. Washington se tornou Apolinho.

Em 1970, o país pode acompanhar a primeira Copa do Mundo transmitida ao vivo pela TV. Graças a Walter Clark, então diretor da TV Globo, que foi até o México negociar com Emílio Azcárraga, dono da Televisa, a possuidora dos direitos de transmissão. Essa conquista possibilitou a criação de um pool de emissoras no Brasil, tanto de televisão quanto de rádio, todas com o direito garantido. Em algumas poucas localidades no país, foi possível assistir ao campeonato já com imagens coloridas.

As vésperas do tricampeonato em 70, surgia também a maior revista esportiva do país. Publicada pela editora Abril, a *Placar* trazia uma equipe formada por profissionais que trabalharam na edição de esportes do *Estadão* e do *JT*.

¹⁰ Em 1969 foi a primeira vez que o homem pisou na lua. A Missão Apolo foi amplamente divulgada no mundo todo.

¹¹ Foi pedido à Motorola que ela doasse os equipamentos em troca da publicidade feita nos jogos. A empresa negou.

Na década de 70 surge também a primeira equipe esportiva formada apenas por mulheres. Como podemos ver em RIBEIRO (2007, p. 221), a *Rádio Mulher*, chefiada por Roberto Montoro, contava com a narração de Zuleide Ranieri Dias, os comentários de Jurema Iara, Leilá Silveira e Lea Campos¹². Nas reportagens Germana Garili, Claudete Troiano e Branca Amaral e no plantão Liliam Loy, Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro. Apesar do preconceito sofrido, o projeto durou cinco anos.

Em 1972, foi criado na TV Gazeta o *Futebol é com 11*, a mesa de debates com maior longevidade da história da televisão do Brasil. O programa foi ancorado inicialmente por Milton Peruzzi, logo depois passou para Roberto Petri, e foi o precursor da *Mesa Redonda*, no ar até a atual data com Roberto Avalone.

No mesmo ano, a TV Rio, realizou a primeira transmissão colorida de uma partida na América do Sul. Narrado por Luiz Mendes, o jogo entre Caxias e Grêmio, ambas as equipes do Rio Grande do Sul, terminou empatado em 0 a 0 (RIBEIRO, 2007, p.227).

Na década seguinte, as transmissões ficaram cada vez mais elaboradas, completas e disputadas. Bandeirantes, Record e Globo lutavam pela hegemonia da cobertura esportiva no país. No dia 1º de maio de 1980, Walter Abraão narrou a partida entre a Seleção Brasileira e a Seleção Mineira pela TV Tupi. Esse foi o último jogo da emissora, que fora fechada no dia seguinte.

Em 1981, um dos grandes nomes atuais da narração esportiva, Galvão Bueno, foi contratado pela Globo para as transmissões de Fórmula 1. O narrador principal da

¹² Comentarista de arbitragem. Lea também era árbitra.

emissora ainda era Luciano do Valle. Concorrendo com a TV carioca estava a Record, que trazia a narração de Sílvio Luiz.

Em 1982, a Globo comprou com exclusividade a transmissão da Copa do Mundo daquele ano, fazendo com que a Rede Record levasse Sílvio Luiz para o rádio¹³. Ele e Osmar Santos, da Rádio Globo, acabaram com a hegemonia da Bandeirantes no setor. Logo após o mundial, Sílvio recebeu proposta da TV Bandeirantes, mas decidiu ficar na Record e, junto com Flávio Prado, criaram o irreverente programa *Clube dos Esportistas*. Segundo RIBEIRO (2007, p.255), o programa se passava dentro de uma casa e contava com campainha, empregada, cozinha e até um cachorro.

A Joven Pan, antiga Rádio Panamericana, criou, no mesmo período, o programa *Terceiro Tempo*, apresentado por Milton Neves, que se tornaria sucesso de audiência. Outro nome importante que surgia nos esportes naquele período era o de Fausto Silva. Ele atuava como repórter da Rádio Globo, participava do programa *Balancê*, com Osmar Santos, e era comentarista esportivo no *Bom dia, São Paulo*.

Enquanto a Globo se posicionava como líder de audiência, Record e Bandeirantes brigavam por Luciano do Valle, que acabou assinando com a primeira. Após tentar implementar suas ideias de programação em sete meses de trabalho e ser limitado pela estrutura, decidiu trocá-la pela Bandeirantes, onde se encontra até os dias de hoje. Com essa mudança, pela primeira vez na história, como conta RIBEIRO (2007, p. 256), uma emissora de televisão criava uma faixa de um dia inteiro dedicado ao esporte. A TV Bandeirantes passava a ser conhecida como o “Canal do Esporte”.

¹³ A proposta da Record era fazer com que a narração no rádio fosse feita com a linguagem da TV. A proposta da empresa era tentar fazer com que as pessoas vissem o jogo e ouvissem pela Record. O slogan era: “Veja a Copa na TV, mas ouça com o coração...na Record”.

A partir da década de 90, o brasileiro passa a ter contato com as TVs por assinatura. A Globosat, pertencente às Organizações Globo, criou o Sportv em 1992, o primeiro canal de esportes entre as televisões fechadas.

A década de 1990 marcou também o início da guerra tecnológica. Globo e Bandeirantes lançavam mão do dinheiro para colocar mais câmeras de alta tecnologia, guias e micro-câmeras nos estádio brasileiros. Tudo para trazer o máximo de detalhes para o telespectador. Nessa década a Globo conseguiu também a exclusividade de transmissão dos principais torneios nacionais e, como conta RIBEIRO (2007, p. 293), chegou a gastar US\$ 220 milhões para ter os direitos da Copa do Mundo de 1998.

Em outubro de 1997, chegava às bancas o periódico diário *Lance!*, que, comandado por Walter Mattos Jr., circulava no Rio e em São Paulo. Entre os membros da equipe inicial estavam Lédio Carmona, Leão Serva e César Seabra. Podemos ver em RIBEIRO (2007, p. 292) que em dois anos, o jornal havia atingido a meta de 120 mil exemplares diários.

Com a chegada dos anos 2000, surgia o fenômeno do Marketing Esportivo. Segundo RIBEIRO (2007, p. 301), “a atividade rende cerca de 110 bilhões de dólares por ano no mundo”. O futebol começava a aliar-se com as grandes marcas e chegar a patrocínios com números astronômicos. Junto com isso, as empresas jornalísticas começavam a produzir material para a internet, que começava a se tornar parte do dia-a-dia de todos.

3.3- O JORNALISMO ESPORTIVO EM JUIZ DE FORA

Em 1870, Juiz de Fora acompanhava a fundação do seu primeiro jornal Impresso. *O Imparcial* surgia e desaparecia no mesmo ano, junto com *O Constituinte* (ARAUJO, 2003, p. 20). Fundado em 1867, o jornal *O Pharol*, se transferiu de Paraíba do Sul para Juiz de Fora no ano de 1871 e rapidamente se tornou o jornal mais importante da cidade, durando 70 anos.

Nesse início, como descrito em ARAUJO (2003, p.21), era raro ver alguma informação sobre esportes. No primeiro mês de “O Pharol” nenhuma linha trazia algo sobre o tema. Em 23 de janeiro de 1912, foi fundado o *Diário Mercantil*. Nesse periódico já surgiam as primeiras notícias sobre esportes na sessão de “Divertimentos”, publicada próxima aos finais de semana. Cabe ao Mercantil, inclusive, a publicação da primeira partida entre Tupi e Tupynambás, em 1912. O futebol foi introduzido na cidade graças a educadores americanos que fundaram o Granbery, e, durante muitos anos, a instituição deteve a hegemonia no esporte da cidade (ARAUJO, 2003, p. 25).

O primeiro nome da cidade a despontar no setor foi Arides Braga. “Editor de esportes e redator do Diário Mercantil e do Diário da Tarde, foi ainda fundador e presidente do Centro de Cronistas Esportivos do Sindicato dos Jornalistas Profissionais” (ARAUJO, 2003, p. 24).

O rádio surgiu na cidade no dia 20 de outubro de 1925, com a criação da *Rádio Sociedade de Juiz de Fora*, prefixo PRA-J. José Cardoso Sobrinho montou a rádio dentro de sua casa, na Rua Tiradentes, como conta ARAUJO (2003, p. 32). Um alto-falante transmitia a “Sociedade” direto do prédio de “O Pharol”. Em 1930, o veículo

muda de nome para PRB-3. Em 1944, a rádio foi a primeira do estado de Minas Gerais a transmitir uma partida de futebol.

O jogo entre Sport e Vasco da Gama – RJ terminou 7 a 2 para os cariocas e foi transmitido pelo locutor Gabriel Gonçalves da Silva, o “Bié”, na locução, com os comentários de Oscar Silva e com Jardelino de Souza na técnica. Em 1946, a Super B3 acabou vendida para os *Diários Associados* de Assis Chateaubriand. Posteriormente, a rádio acabou sendo adquirida por Juracy de Azevedo Neves e transformou-se na atual Rádio Solar (ARAUJO, 2003, p.34).

Em 19 de fevereiro de 1949, surgia a Rádio Industrial, dirigida por Alceu Nunes da Fonseca. A ZYT 9 impulsionou o jornalismo na cidade e trouxe nomes como José Carlos de Lery Guimarães, Maurício de Campos Bastos, Wilson Cid, Heitor Augusto de Lery, Mário Helênio de Lery Santos, Wilson de Andrade e Rubens Furtado. No primeiro ano, a Industrial transmitiu o Campeonato Sulamericano de Futebol e já no segundo ano, trouxe a Copa do Mundo de 1950, acompanhando a maioria dos jogos e possuindo até cabine exclusiva no Maracanã (ARAUJO, 2003, p. 36).

É importante destacar a figura de Mario Helênio de Lery Santos. Mário é um dos grandes nomes do jornalismo esportivo em Juiz de Fora. Começou a carreira aos 14 anos e era considerado uma enciclopédia sobre o futebol da cidade. Começou na Rádio Tiradentes em 1948 como comentarista, passou pela rádio Industrial e em 1956 se tornou supervisor de esportes da PRB-3. Foi presidente da Liga de Vôlei de Juiz de Fora em 1957 e venceu o *Bola de Ouro*, troféu dado aos melhores do país, em 86, 87 e 89 (ARAUJO, 2003, p. 35).

Em 1948, Olavo Bastos Freitas realizou a primeira transmissão para TV da América Latina. O jogo entre Tupi e Bangu foi transmitido desde o bairro Santa Terezinha até um monitor instalado no Parque Halfeld e outros dois na Rua Halfeld, todos no centro da cidade. O feito foi patrocinado pela extinta fábrica juiz-forana, a Cervejaria Jose Weiss (LINS, 2008, p.4).

O sinal de TV chegou à cidade em 1958. Mas em 1951, um programa televisivo pode ser assistido pela primeira vez na cidade. ARAUJO (2003, p. 42) conta que as imagens eram de um Fla x Flu no Maracanã e foram transmitidas em uma TV no edifício Clube Juiz de Fora, que estava em construção na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua Halfeld. Após esse período, já era possível assistir às transmissões vindas do estado do Rio de Janeiro, como a TV Tupi, através da TV Mariano Procópio¹⁴, em 58, e a TV Rio.

Em 1964 surgia a TV Industrial, primeira TV com produção juiz-forana. Foi a primeira emissora geradora de televisão independente criada no interior do Brasil e funcionava no canal 10. A maioria da programação era ao vivo e o restante resultado de parceria com as outras emissoras maiores da época. Na Industrial nasceu o *Camisa 10*, programa esportivo de debates, comandado por Geraldo Mendes e que contava com um representante de cada time do Rio de Janeiro como comentarista/torcedor. Dentro da programação existia ainda o *Bate Bola*, que era apresentado por Geraldo Magela Tavares. A TV Industrial acabou sendo vendida para a Globo no final da década de setenta.

¹⁴ Afiliada da TV Tupi e primeira emissora de Juiz de Fora

Em 1980, a TV Globo entrava no ar em Juiz de Fora já com dois noticiários locais entrando antes do Jornal Hoje e da novela das 19h. No final da década de oitenta a equipe foi reduzida e o jornal da tarde acabou sendo cortado, retornando apenas na década seguinte. No final dos anos noventa, a Globo Juiz de Fora se transforma em TV Panorama, em busca de regionalizar ainda mais a programação. Foi criado em 1999 um bloco só de esportes dentro do MGTV primeira edição, pelo repórter Leandro Mattos. Posteriormente, em 2001, surgiu o programa Panorama Esporte, que contou com a participação dos jornalistas Antônio Marcos e Eduardo Monsanto. A Panorama se tornou TV Integração em 2011, após ter sido vendida pela Organização Panorama de Comunicação (OP.Com).

Em 1981, foi fundada a *Tribuna de Minas*, que tinha a ideia de narrar a vida da cidade de Juiz de Fora por meio das páginas impressas. Desde o primeiro ano, como descreve ARAUJO (2003, p. 29), o periódico já contava com editoria de esportes. O jornalista Márcio Guerra assumiu a editoria de esportes em 1982, vindo do *Jornal dos Sports*. Em 1984, Mário Helênio começou a fazer parte da redação, ficando até 1988.

Na segunda metade da década de 80, como conta ARAUJO (2003, p. 37), a Rádio Solar, antiga PRB-3, montou uma equipe com 14 profissionais trabalhando na área esportiva. A equipe contava com nomes como Mário Helênio, Paulo Roberto, Wilson Amim, Paulo César Magela, Dirceu Costa Ferreira, Ivan Costa, Márcio Guerra, Leopoldo Siqueira, e outros mais novos como Ivan Elias, Néelson Jr, Plínio Fraga, Rogério Côrrea, Ricardo Wagner, Regina Campos, e outros.

A programação contava com o *Bola de Primeira*, que começava às 6h55, com o *Giro da Bola*, apresentado por Mário Helênio, de 11h30 às 12h, o *Super Bate Bola*, apresentado por Márcio Guerra das 18h às 19h e o *Apito Final*, das 20h30 às 21h.

Em fevereiro de 1990, surgia a afiliada do SBT, a TV Tiradentes, com uma programação voltada para Juiz de Fora, dirigida por Josino Aragão e Domingos Frias. O esporte entrou na programação com a contratação de Nelson Jr. Inicialmente espalhado pela grade, o esporte ganhou o seu espaço com o programa *Tiradentes Esporte*, com 15 minutos diários. Em 1999, a Tiradentes foi comprada pela TV Alterosa, retransmissora do SBT em Belo Horizonte.

Fundado em 12 de julho de 1994, o *Diário Regional*, era liderado por Josino Aragão. Desde a primeira edição o esporte estava presente com notas sobre a Seleção Brasileira e as equipes de Juiz de Fora, como conta ARAUJO (2003, p. 30). Por volta dos anos 2000, surgiu a coluna *Jogo Limpo*, que mudou de nome para *Show de Bola*, e é assinada por Ricardo Wagner.

O Diário pertence ao Sistema Regional de Comunicação (Sircom) que conta hoje com a Rádio Globo Juiz de Fora, afiliada da emissora carioca. A Rádio Globo JF traz noticiários sobre o esporte local, inclusive com o programa *Globo Esportivo*, comandado por Ricardo Wagner que também realiza as transmissões esportivas juntamente com a equipe formada por Ivan Costa, Bruno Ribeiro, Marco Aurélio e Chico Cícero. Outra empresa do grupo é a afiliada da Rede Minas, a TVE, antiga TV Educativa.

4- JORNALISMO ESPORTIVO E AS FUNÇÕES DO SETORISTA

O jornalismo esportivo nada mais é do que uma editoria existente dentro dos mais variados tipos de veículos. Em COELHO (2011, p. 7), vemos que, desde o início, o esporte sempre sofreu preconceito nas redações, com muitos duvidando que fosse chegar a estampar páginas de destaque nos principais jornais do país. UNZELTE (2009, p.17) diz: “A produção de uma matéria esportiva, portanto, passa pelos mesmos processos que uma matéria de qualquer outra editoria”. Dentre esses processos podemos citar: pauta, apuração e redação.

A pauta esportiva segue os mesmos processos das de outras editorias. De acordo com UNZELTE (2009, p.23), ela é um “roteiro detalhado que explica como realizá-la, que situa o repórter no assunto e diz quem deve ser entrevistado, além de direcionar o tipo de abordagem da matéria”.

Toda reportagem necessita de uma pauta, que pode ser produzida pelo próprio repórter, ou por um pauteiro, que é definido por UNZELTE (2009, p.25) como “o encarregado de pensar e distribuir as pautas”. Ele seria responsável por chegar antes dos demais jornalistas e preparar os assuntos, tomando sempre cuidado para não indicar algo que já tenha sido produzido anteriormente. MALUHY, in MARQUES et al (2005, p. 45), fala que “a reportagem esportiva possui aspectos diferentes de outros setores do jornalismo, já que numa disputa os competidores já são conhecidos previamente, e o levantamento da pauta, por possuir informações extras, auxilia o trabalho do repórter”.

A partir do recebimento da pauta o repórter deve trabalhar a reportagem, usando-a como ponto de partida, podendo mudá-la de acordo com os acontecimentos ou

situações posteriores. MALUHY, in MARQUES et all (2005, p. 48) afirma que “se ficar preso à pauta, o jornalista possibilita a interferência das fontes duvidosas e da própria empresa jornalística.” É importante que, mesmo tendo a posse desse material, que o repórter sempre cheque se a informação confere, evitando cair na armadilha da instantaneidade (UNZELTE, 2009, p.26)

Chegamos no segundo ponto: a apuração. O repórter tem como obrigação, após o ato de recebimento da pauta, investigar, coletar dados e pesquisar. UNZELTE (2009, p.27) fala que apurar é “trazer os elementos necessários para a elaboração de uma matéria”. Para isso é necessário primeiro “saber onde buscar as informações, sejam elas testemunhais ou documentais”. Segundo COELHO (2011, p. 45), “checar informação é fundamental para quem não aprendeu a amar o esporte”, mas que, mesmo o conhecedor, deve estar atento e não confiar cegamente em sua experiência. MALUHY, in MARQUES et all (2005, p. 46) fala sobre a preocupação em trazer sempre novos fatos:

Se um repórter repete demais alguns dados é porque ele possui somente tais dados, mas se as informações são diferenciadas e acrescentam algo ao fato é porque ele está munido de informações extras, trazendo assim um melhor esclarecimento daquilo que está acontecendo ou acontecerá posteriormente.

Livros, documentos, materiais impressos de todos os tipos, artigos e outros, são também fontes e, segundo UNZELTE (2009, p.27), no caso do jornalismo esportivo, “a dificuldade (de pesquisá-los) é grande, por conta da falta de preservação da memória esportiva no Brasil e do descuido das autoridades”.

Em casos de fontes testemunhais, elas devem ser contatadas e entrevistadas. Nos dias de hoje, a maioria das fontes dentro da área esportiva possuem os assessores de imprensa, que servirão como intermediários nessas situações. Para essa entrevista, o

repórter deve preparar as perguntas, tendo em base um roteiro pensado anteriormente (UNZELTE, 2009, p.27).

Mas nem sempre é fácil lidar com as fontes dentro do esporte. COELHO (2011, p. 75), fala que é importante manter a distância profissional.

O melhor a fazer é trabalhar. Manter o contato com a fonte sempre que houver oportunidade. Questionar, perguntar, indagar sobre o que for possível. Tentar sempre conseguir informações em primeira mão. Mas sempre deixando claro que não se trata de uma troca de favores. Que vantagens não serão oferecidas no relacionamento profissional.

É importante, como frisa UNZELTE (2009, p.27), que o jornalista observe tudo o que cerca a entrevista, desde “a ambientação e o grau de emotividade do entrevistado”, pois, “em alguns momentos, essa observação conta mais do que fazer uma pergunta óbvia e direta”. Mas, segundo MALUHY, in MARQUES et all (2005, p. 47):

A ausência de informações sobre o entrevistado e/ou sobre o assunto tira a credibilidade do repórter que pode, pelo desconhecimento, ser manipulado pelo entrevistado ou mesmo legitimar uma fonte imprópria, que ele escolheu no local do fato ou mesmo pautou sem antes conhecê-la.

O repórter pode apurar a distância, indo até o local onde está acontecendo o evento, e dentro da redação, por meio da internet, telefones e outros itens. UNZELTE (2009, p.28) nos conta que “existe uma diferença gritante entre o resultado das matérias que são feitas a distância e aquelas que foram apuradas *in loco*, em que o repórter fala pessoalmente com a fonte, vê onde ela mora ou trabalha, como se veste, como reage às perguntas”.

Por último vem a redação. Após o cumprimento das duas primeiras etapas, o repórter enfim começa a escrever o texto. Fazendo uso das informações obtidas, o jornalista as organiza e as redige, observando algumas técnicas do jornalismo como o *lide* e a *pirâmide invertida* (UNZELTE, 2009, p.30)

O *lide*, ou *lead*, consiste em “informar resumidamente o que aconteceu, poupando o leitor do trabalho de ler toda a notícia para enfim entendê-la” (UNZELTE, 2009, p. 31). O *lide* deve trazer a resposta para algumas perguntas básicas: *Quem?*; *O quê?*; *Quando?*; *Onde?*; e *Por quê?*.

Já a *pirâmide invertida*, segundo UNZELTE (2009, p. 31), consiste na “ordenação dos fatos a partir do mais para o menos importante”, ou seja, “assim como *lide*, a *pirâmide invertida* é mais uma técnica para prender a atenção do leitor desde o início e mantê-la ao longo da leitura”.

É importante também que o jornalista se importe com o conteúdo produzido e não somente em ser o primeiro a dar a notícia e o famoso *furo*. “Não vale saber quem divulgou a informação em primeiro lugar. Vale, sim, quem deu a notícia com mais detalhes, com maior riqueza. Não que o leitor se dê conta disso” (COELHO, 2011, p. 76).

Ainda segundo COELHO (2011, p. 77), o *furo* não deixa de ser importante, pois o jornalista não pode viver sem procurar informações exclusivas.

É próprio da profissão procurar o que ninguém ainda conseguiu. Manter o contato com a melhor fonte, conversar com o maior número possível de pessoas ligadas ao que parece estar prestes a acontecer. Não importa se o leitor se dará conta da qualidade do repórter. O editor vai saber que pode contar com aquele profissional para as melhores pautas. E que ele sempre poderá trazer notícia em primeira mão. Quando der o *furo*, o repórter vai comemorar. E a redação também.

Mas ainda segundo COELHO (2011, p. 77), “Uma sequência de grandes informações exclusivas é mais importante, mas extremamente difícil” principalmente pelo fato de que “não há repórter que consiga fontes em dez lugares diferentes ao mesmo tempo”.

A PAIXÃO E O JORNALISMO DE INCENTIVO

A grande diferença do jornalismo esportivo para os outros setores é que o esporte mexe com a paixão de diversos grupos de pessoas, envolve torcidas. Por isso o profissional deve esforçar-se ainda mais para se manter sempre imparcial e objetivo, seguindo esses preceitos básicos. UNZELTE (2009, p.12) fala que é necessário “ter a exata noção de quando – e de quanto – essa paixão começa a comprometer a objetividade e a imparcialidade, ou, na impossibilidade prática de alcançar tais utopias, ao menos buscá-las”.

Segundo UNZELTE (2009, p.09), a paixão pode ser benéfica principalmente quando o jornalista traz consigo uma “boa carga de informação e conhecimento extra em relação a alguns de seus colegas, adquirida no tempo em que o tema, para você, era apenas uma forma de lazer”. Isso cria uma “certa familiaridade com os nomes, os fatos, a história e as especificidades do esporte”.

Ainda de acordo com UNZELTE (2009, p.10), o jornalista que entende de esportes “larga na frente dos outros”, pois, “pela intimidade com o tema, tem mais possibilidades de contar com as melhores fontes”. É claro que não é necessário que o

profissional seja um apaixonado. COELHO (2011, p. 45), fala que “as noções técnicas da profissão dão aval a quem quiser trabalhar em qualquer área”, mas, “é preciso mais esforço”, como vemos em MALUHY, in MARQUES et all (2005, p. 45), que fala:

Se um repórter não conhece nada sobre o assunto, o tempo para a coleta de informações e para compreensão do fato torna-se um empecilho à produção, porque há um espaço perdido pelo desconhecimento. E mais, a notícia acaba sendo construída, pela ausência de referenciais, por informações que acrescentam muito pouco ao público que absorve aquela notícia.

Mas essa “paixão” também pode ser prejudicial, principalmente quando o repórter faz confusão entre o seu lado profissional e o seu lado torcedor. COELHO (2011, p. 56) fala que somente “aqueles que nunca tiveram paixão pelo futebol e que optaram pela área esportiva apenas como meio de se desenvolverem profissionalmente podem nunca ter escolhido uma equipe para torcer.” O jornalista esportivo, baseado nos preceitos básicos de seu trabalho, pode ter suas preferências, mas nunca deve colocá-las acima da informação. UNZELTE (2009, p.13) afirma que o repórter pode sim ter um clube do coração:

O grande dilema que aflige a cabeça dos jornalistas esportivos – e também dos seus leitores e espectadores – é: revelá-lo ou não? Trata-se, porém, de um falso dilema, pois o problema todo não reside no fato de se ter ou não um time para torcer, mas, sim, de manter sempre a autocrítica, para que isso jamais atrapalhe o andamento do seu trabalho.

Outra questão que, segundo UNZELTE (2009, p.13), atrapalha a boa prática do jornalismo é “em relação à soberba no conhecimento do próprio assunto”. Para ele:

a grande inimiga que a paixão gera é a autossuficiência. É ela que se faz presente quando, em um ato falho, o jornalista escreve Torneio de Wembley, em vez de Wimbledon, trocando o nome da maior disputa de tênis pelo do maior estádio de futebol da Inglaterra.

Outro erro, segundo UNZELTE (2009, p.13), que entra nesse excesso de confiança, é “quando o jornalista acredita demais em sua memória”. O profissional deixa de fazer a checagem de dados para acreditar em algo que ele pensa conhecer, pois tanto sua memória quanto o seu conhecimento são “baseados na velha e boa paixão alimentada desde a infância”.

Segundo UNZELTE (2009, p.15), “A paixão é inerente ao esporte, e, por extensão, à atividade do jornalista esportivo. Mais inteligente do que negá-la é saber lidar tanto com sua paixão quanto com a dos outros”. Segundo COELHO (2011, p. 18), “o que se espera habitualmente de todo grande jornal é a mistura dos dois estilos: jornalismo e romance”, o fato e a magia do esporte.

Em GUERRA (2008, p.1), podemos observar o surgimento de um novo termo: *O Jornalismo de Incentivo*. “A expressão foi verbalizada por uma jornalista de um dos mais conceituados jornais da cidade, quando questionada sobre a conduta editorial do setor esportivo do veículo.” Ainda de acordo com GUERRA (2008, p.2), o argumento sobre esse novo tipo de jornalismo foi utilizado em um momento pelo qual o Tupi, equipe juiz-forana, passava por mudanças estruturais¹⁵, que sequer eram investigadas ou questionadas pela imprensa local, afirmando que ‘era pelo bem do Tupi, do futebol de Juiz de Fora’.

¹⁵ Ver segundo capítulo, página oito.

Ainda de acordo com a jornalista, em GUERRA (2008, p.3): “Na verdade, temos que lembrar que o Tupi é o nosso único clube que disputa o futebol profissional. Se criticarmos, se não apoiarmos, corremos o risco de nem o Tupi participar, o que seria um desastre para nós, do esporte. Portanto, o que fazemos é um jornalismo de incentivo.”

Segundo GUERRA (2008, p.3), a situação não está presente apenas em Juiz de Fora: “Onde existem vários grandes times disputando, também esse novo gênero pode ser visto na cobertura”. Mas a situação chama atenção pela cidade possuir apenas um clube profissional, onde “os meios de comunicação parecem reféns desse fato e criam um sentimento de que a crítica pode ser o ‘tiro no próprio pé’ e a perda do emprego”.

Outro exemplo usado por GUERRA (2008, p.4), foi a história do jornalista Mário Filho: “Ele achava que a derrota já era suficiente para aquele time que a sofreu, portanto, nas manchetes, títulos e angulações da cobertura, se devia destacar os méritos do vencedor e deixar para um segundo plano os erros.” O que é bastante diferente do *Jornalismo de Incentivo*, pois, por mais que os erros fossem colocados em segundo plano, “isso não significa ignorá-los ou substituí-los por algo fantasioso ou só que faça ‘um agrado’ no torcedor que está vitimizado”.

O grande problema desse tipo de jornalismo é a falta de aprofundamento. O fato de a mídia deixar de aprofundar a cobertura, preferindo amenizar crises e ressaltar fatos para encobrir outros (GUERRA, 2008, p. 4). Durante a cobertura do jornal, que pertencia ao antigo gestor do Tupi, Omar Peres, de uma das derrotas do clube para o Cruzeiro no Mineirão naquela época, como conta GUERRA (2008, p. 4), o periódico preferiu mostrar a “invasão” do torcedor juiz-forano ao estádio do que se ater aos fatos que levaram o clube a uma derrota por seis gols. Segundo MALUHY, in MARQUES et

all (2005, p. 50), o “perigo está em esconder do público algumas informações ou detalhes que poderiam ser ditos antes do resultado final”, pois, é importante que o profissional dê a informação completa “propondo ao público a análise final.”

Segundo GUERRA (2008, p. 5), “é preciso chamar a atenção que, seja por qualquer razão, não se justifica o abandono aos preceitos da comunicação, que exigem uma boa cobertura e a revelação dos fatos, com os devidos cuidados na apuração e a divulgação livre do que se levantou”. O não respeito pelos preceitos básicos pode culminar em perda da credibilidade e do interesse do leitor, ouvinte ou espectador, pois, “ao jornalismo esportivo cabe a missão de cobrir. Um grande clube fez uma grande negociação, arrumou novo patrocinador, perdeu, ganhou, errou, deve ter os fatos relatados como eles são.”

5- ESTUDO DE CASO

Para o estudo de caso foi feito um questionário com jornalistas esportivos de Juiz de Fora e também com os torcedores do Tupi Foot Ball Club. As perguntas levaram em conta a campanha do clube no ano de 2012, que foi irregular e possibilitou momentos positivos e negativos¹⁶. Foram entrevistados nove profissionais que responderam um total de sete perguntas. Ao todo, o questionário foi enviado para 15 jornalistas. Entre os torcedores, dez foram ouvidos sobre oito questões. A captação das respostas se deu no período que vai de dezembro de 2012 até fevereiro de 2013. As entrevistas foram feitas por e-mail.

5.1- QUESTIONÁRIOS DOS JORNALISTAS

Os nove jornalistas entrevistados responderam a sete perguntas¹⁷ sobre a cobertura praticada e os textos produzidos durante a produção de conteúdo sobre o Tupi. Na primeira questão, foi perguntado sobre o texto, se ele sofre mudanças durante momentos bons ou ruins do clube. Dos nove entrevistados, dois responderam que não. O repórter Márcio Santos da Rádio Itatiaia não acredita “que sofra mudança no texto, pois a intenção é informar o ouvinte sobre o fato”, mas afirma que “quando acontece uma vitória a tendência é exaltar o time”.

¹⁶ Vide segundo capítulo sobre a história do clube.

¹⁷ Vide apêndices 8.1.1 ao 8.1.9.

Pedro Brasil, do Jornal Tribuna de Minas, também discorda da mudança, mas concorda com Márcio ao dizer que “num momento de uma grande vitória, o texto pode ser melhor trabalhado, mais ‘florido’”.

O jornalista Bruno Ribeiro, da Rádio Globo, acredita que essa mudança depende, pois seus textos vêm “sem muita opinião em relação aos resultados dos jogos” já que “há informação, detalhamento dos jogos e pouquíssima opinião”. Mas, segundo ele, o de outros jornalistas pode mudar, pois traz uma veia mais opinativa, “exalta muito o time na vitória e, dependendo da derrota, bate mais ou menos no clube, nos jogadores, na comissão técnica”.

Segundo Renato Salles, da Tribuna de Minas, “a cobertura de um clube de futebol segue um padrão cíclico independente de resultados presentes ou passados, negativos ou positivos”. Para Wallace Mattos, também da Tribuna, “o texto é sempre apaixonado”. Ainda de acordo com ele, o texto esportivo, “por mais que envolva os preceitos básicos de objetividade e imparcialidade na informação, sempre terá a paixão como elemento implícito”.

Entre os jornalistas que acham que o texto sofre mudanças, Ivan Elias, do Blog Toque de Bola, acredita “que no dia-a-dia a imprensa local até “alivia” nas críticas”, até por, segundo ele, ser uma cobertura “delicada”. Carlos Ferreira, da Rádio Cultura de Santos Dummont, vai mais longe. Ele diz que “as divulgações acontecem na dimensão dos interesses de quem tem a responsabilidade da divulgação”.

Fernando Gonçalves, da Rádio Globo e do Diário Regional, pensa que o texto muda, pois “pode ser bem flexível” e o jornalista pode ter “a liberdade para poder usar

ditos populares”. Lucas de Vitta, do Jornal Ter Notícias, pensa que o texto mude, mais sem nada “que atrapalhe a objetividade do texto”.

A segunda questão levantada leva em conta uma possível ajuda do jornalista ao clube em um momento difícil, ao deixar de noticiar algo negativo. Márcio Santos, da Itatiaia, admitiu ter omitido uma informação por achar que “não era muito necessária, não iria acrescentar em muita coisa, apenas deixar o clube numa situação ainda pior”. Ivan Elias, do Blog Toque de Bola, afirmou que “algumas notícias realmente às vezes não divulgamos, como eventuais cortes de luz e telefone na sede de Santa Terezinha, por falta de pagamento”, mas que “se a situação persistir, porém, como longos períodos sem luz e telefone, aí já cabe pelo menos o registro”.

Os outros sete jornalistas concordam entre si e afirmam que não fazem uso desse tipo de artifício. Carlos Ferreira, da Rádio Cultura, conta: “Já divulguei. Exemplo: salários atrasados, e quase fui massacrado por alguns integrantes da "equipe" em que eu trabalhava, porque eram associados do clube (prática que eu condeno) e tiveram seus interesses contrariados”. Na temporada de 2012, Bruno Ribeiro, da Rádio Globo, afirma ter sido “o primeiro na cidade – nem Ricardo¹⁸, nem Fernando, nem Wallace, haviam noticiado ainda – o atraso de salários ainda em julho”.

Segundo Renato Salles, da Tribuna, “a melhor maneira do jornalista colaborar com algum clube ou com qualquer instituição pública ou privada é noticiar fatos positivos e negativos”.

Na terceira pergunta, os jornalistas foram questionados sobre as suas opiniões sobre a cobertura esportiva em Juiz de Fora. Apenas dois profissionais concordaram que

¹⁸ Ricardo Wagner, radialista da Rádio Globo

ela não é boa. Bruno Ribeiro, da Rádio Globo, acha a cobertura “fraca”. Segundo ele, “em todos os dias, somente o Sircom (Rádio Globo e Diário Regional) e Grupo Solar (Tribuna de Minas e Rádio Solar) estão presentes na cobertura do único clube da cidade”. Fernando Gonçalves, da Rádio Globo e do Jornal Diário Regional, atribui a cobertura fraca ao fato de que “a cidade como um todo não apoia o esporte”. Wallace Mattos, da Tribuna, concorda com Fernando ao dizer que Juiz de Fora “dá muito pouco valor ao esporte”. Wallace afirma: “Nós que militamos no meio - e aqui me permito juntar atletas, técnicos, dirigentes e jornalistas - acabamos fazendo isso como profissão de fé”. Mas independente disso, ele acha que a cobertura é “boa, mas poderia melhorar”.

Para Ivan Elias, do Blog Toque de Bola, “é difícil encontrar um meio termo”, pois “há uma tendência natural de se aliviar as críticas”. Já segundo Carlos Ferreira, da Rádio Cultura, a cobertura é “de acordo com o tamanho do Tupi”. Lucas de Vitta, do Ter Notícias, e Renato Salles, da Tribuna, concordam em partes com Carlos, pois acreditam que a cobertura é boa, dentro da realidade do esporte na cidade.

A pergunta de número quatro questiona sobre o fato de o sucesso ou fracasso do clube ser associado à cobertura da mídia. Ivan Elias, do Blog Toque de Bola, respondeu a pergunta tratando da relação entre imprensa e clube. Se a cobertura de eventos diários pelos jornalistas prejudica o time ao divulgar, por exemplo, as escalações e outras situações como esquemas táticos e planejamentos. Segundo ele, “é fundamental que qualquer instituição respeite à imprensa e, conseqüentemente, a opinião pública”. Para ele, “não pode a assessoria ficar dias sem enviar um texto porque um treinador não quer”.

Carlos Ferreira, da Rádio Cultura, acredita que não. Para ele, “o insucesso é de responsabilidade do próprio clube”. Bruno Ribeiro, da Rádio Globo, também concorda

com Carlos no que tange os resultados, mas que, “em termos de gestão, de visibilidade do clube e de acompanhamento por parte do torcedor através da mídia, sim”.

Lucas de Vitta, Renato Salles, Márcio Santos e Pedro Brasil, também não acreditam que a cobertura possa interferir nos resultados e no desempenho em campo. Wallace Mattos, da Tribuna, acredita que só cabe à imprensa a exposição do clube e não os fracassos e derrotas. Segundo ele, “sem espaço na mídia, não há como prometer aos patrocinadores visibilidade, sem a qual não há porque investir em uma equipe”.

Na quinta pergunta, os jornalistas foram questionados sobre a resposta que recebem do público consumidor das informações produzidas por eles. Ivan Elias acredita que os jornalistas sentem “um pouco esse dilema”, pois o torcedor que acompanha “sabe que a imprensa esportiva “pega leve” às vezes com os problemas”.

Carlos Ferreira, fala que o público dele se divide, “uns gostam, outros não”. Com os jornalistas restantes, a resposta é semelhante. Segundo eles, o *feedback* recebido é bom. Lucas de Vitta, fala que, por não ter jornalista exclusivo para esportes no Ter Notícias, ele só recebe a resposta de alguns poucos que já o acompanham. Ele diz: “muitos não me conhecem ou até mesmo não sabem que sou eu quem escreve”.

Wallace Mattos frisa que é bastante importante esse contato com o público. Segundo ele “a resposta dos torcedores, para mim, é sentida mais no bate papo da arquibancada, no contato direto”.

Na sexta pergunta, foi questionado aos jornalistas se a cobertura praticada muda em caso de derrota ou fracasso. Apenas Lucas de Vitta e Márcio Santos acreditam que a cobertura deva mudar. Segundo Lucas, “há sim, de fato, um ‘refresco’ quando a situação não está tão boa”, mas, de acordo com ele, “muitas vezes isso não é

intencional, com o objetivo claro e exclusivo de ajudar o Tupi”. Márcio fala que “o interesse do ouvinte não é o mesmo, por isso, o grau de cobertura também não é o mesmo”.

Pedro Brasil, da Tribuna, cita a paixão que o futebol gera para dar sua resposta. Ele disse: “É óbvio que se foi uma grande derrota, com muitas variações, com vida, com alma que leva o torcedor ao delírio, o trabalho não pode ser o mesmo de uma derrota já esperada. Esporte é emoção”.

Bruno Ribeiro acredita que a cobertura é a mesma no que tange apuração, trato da informação e divulgação, mas que “obviamente, são dois momentos bastante distintos, que pedem ações que pedem menos ou mais descontração, menos ou mais peso nas perguntas, ou diferentes maneiras de abordagem”.

Na última questão, os jornalistas foram perguntados se o fato do Tupi ser o único representante do futebol profissional leva a mídia a praticar o “jornalismo de incentivo”. As opiniões em relação ao tema se dividem. Enquanto alguns consideram negativo, outros consideram positivo e até que é correto.

Ivan Elias e Carlos Ferreira têm opiniões semelhantes. Ambos acreditam que isso exista. Ivan crê que o “risco é real” e Carlos acredita que é um “incentivo exagerado, muita das vezes superior ao que o Tupi merece, ou por interesse de quem ‘incentiva’”. Para Pedro Brasil, o jornalismo de incentivo existe no sentido de “querer ajudar o Carijó”, mas ele acredita que se tivéssemos outros clubes profissionais, a cobrança do torcedor faria isso ser diferente.

Para Fernando Gonçalves, isso interessa ao jornalista. Para ele, “quanto melhor o Tupi estiver mais anúncios teremos no jornal e na rádio. Temos sempre que andar juntos

com o Tupi de mãos dadas, porém sem faltar com a ética e a verdade”. Já Bruno Ribeiro acha que não, pois “o fato de haver apenas um clube de futebol profissional na cidade apenas deixa isso mais aglutinada, concentrada, mais aparente”. E ele completa: “Acho legal inflamar o torcedor, chamá-lo para campo. Só não concordo em mentir para o torcedor, enganá-lo, fazer com que ele pense que o clube anda a mil por hora, quando está andando de marcha ré”.

Lucas de Vitta acredita que o jornalismo de incentivo exista. Para ele: “Há incentivo, de fato, mas nunca percebi ou deixei de escrever algo que não fosse de interesse do time”. Ainda segundo Lucas, o jornalismo praticado não chega a ser de incentivo, “mas talvez seja menos crítico do que deveria ser”. Renato Salles, assim como Lucas, também não vê dessa forma. Para ele: “Se reportar todos os detalhes da notícia e provocar o torcedor a comparecer ao estádio para apoiar seu time e lotar os estádios de forma ordeira é jornalismo de incentivo, então, viva o jornalismo de incentivo”.

Márcio Santos concorda com Fernando Gonçalves: “O sucesso do Tupi é o meu sucesso também”. De acordo com ele, todos querem ver o clube bem, exatamente pelo fato de o clube ser o único profissional da cidade. Wallace Mattos também apoia e diz: “Não só o Tupi merece uma cobertura positiva, mas todo o esporte de um município que esmaga boas ideias antes mesmo de tentativas de colocá-las em prática”. De acordo com Wallace, a “sociedade de Juiz de Fora tem que reconhecer e aplaudir quem ainda luta para tentar manter um mínimo de atividade esportiva profissional em uma cidade onde poucos enxergam o valor disso”.

5.2 – QUESTIONÁRIOS DOS TORCEDORES

Os dez torcedores entrevistados foram captados em grupos relativos ao clube na rede social Facebook e se ofereceram para participar quando lhes foi apresentado o tema da pesquisa. Todos que enviaram os seus endereços eletrônicos foram selecionados. Eles responderam a um total de oito perguntas¹⁹ sobre como eles avaliam o profissional de imprensa de Juiz de Fora e a cobertura feita por ele sobre o Tupi Foot Ball Club. A primeira questão é sobre a avaliação que os fãs fazem sobre a cobertura do clube.

Dentre os entrevistados, quatro consideram a cobertura fraca ou ruim, sendo que um deles, Ubiratan Esteves Caniato, acredita que isso se deve ao fato de apenas um órgão de comunicação dar ênfase ao clube²⁰. Três consideram regular ou razoável, e outros dois torcedores acham a cobertura boa e de qualidade. Já o torcedor Airton Soares acredita que “por tratar-se do único clube com futebol profissional da cidade, ele nunca deixa de ser tema de matérias e tem cobertura de sua participação em campeonatos regionais e nacionais”.

Na segunda pergunta, os torcedores foram questionados sobre o destaque que o Tupi recebe nos jornais. Quatro entrevistados acreditam que o clube é bem destacado pela imprensa da cidade. Outros três acham que não, pois para eles a informação é reduzida a pequenas notas. Dois dizem que o Carijó só recebeu grande destaque quando foi campeão da Série D do Campeonato Brasileiro, em 2011. Já Jovanni Delvaux pensa que há um equilíbrio, pois “dependendo da época do ano temos um destaque bom, porém, nos períodos entre campeonatos, não temos o destaque adequado”.

¹⁹ Vide apêndices de 8.2.1 à 8.2.10

²⁰ Apêndice 8.2.10

A terceira questão trata sobre as notícias que são divulgadas sobre o que acontece no clube. Todos os torcedores concordam que a imprensa deixa de divulgar algumas coisas que acontecem no clube. Para Bruno Halfeld, “a própria diretoria não colabora para que notícias sejam veiculadas”. Vitor Lima acha que muita coisa não é noticiada pelo fato de “a imprensa não conseguir 'pesar' certas informações que rolam dentro do clube”.

Na quarta pergunta, os torcedores foram questionados quanto o que falta ser informado no clube. Oito entrevistados acreditam que a parte financeira, como cotas de patrocínio, salários pagos, custos operacionais, não são bem divulgados pela imprensa. Além disso, Airton Soares diz que “muitos assuntos não são amplamente divulgados, como, por exemplo, o motivo de tantas saídas de jogadores no segundo semestre”. Leonardo Iung acredita que “falta a divulgação histórica das partidas além de uma boa cobertura do Pré-jogo”. Apenas para Marco Lima, “o nível de informação é satisfatório”.

Na quinta questão, foi perguntado sobre qual é a dificuldade que o torcedor que quer se manter informado enfrenta. Dois acreditam que a falta de transparência da diretoria é responsável pela falta de informação. Quatro entrevistados atribuem a culpa aos próprios veículos de comunicação, que, segundo eles, dá mais espaço para os clubes “grandes”, como os do Rio de Janeiro, e que são feitas apenas notas, pequenos textos e não informações completas.

Para dois torcedores, não faltam informações e o trabalho é bem feito. Já de acordo Marco Lima faltam notícias em tempo real, como nos clubes maiores. Outra opinião divergente foi a de Leonardo Iung. Para ele, as maiores dificuldades são “as

notícias pós-jogo, tendo em vista que o maior jornal da cidade²¹ não circula as segundas-feiras”.

Na sexta pergunta, foi perguntado se falta crítica na cobertura. Cinco responderam que não falta crítica da imprensa de Juiz de Fora, inclusive, dois dentro desse grupo concordam que o que falta é cobrança por parte dela. Os outros cinco acreditam que sim, faltam vozes críticas nos veículos de comunicação da cidade. Segundo Bruno Halfeld, “as poucas coberturas realizadas, normalmente são ‘passando a mão na cabeça’”.

Na sétima questão, foi perguntado qual era o momento mais difícil de se obter informações sobre o clube. Oito torcedores concordam que o período de pré-temporada e entre os campeonatos, principalmente no momento em que os clubes contratam atletas, é o período mais complicado de se obter informação. Rafael Torres crê que o momento mais difícil é quando o clube vai mal nas competições e Ubiratan Caniato acha que depois do noticiário de uma das rádio da cidade, que começa às 17h30, ele não encontra informações do clube facilmente.

A última pergunta trouxe o questionamento sobre a imparcialidade do jornalista juiz-forano. Três entrevistados acreditam que deve haver um meio termo, com críticas quando necessário, mas com o apoio. Cinco torcedores acham que é função do jornalista local ajudar a divulgar o clube, principalmente por ser o time profissional da cidade. Segundo Vitor Lima, o profissional deve ajudar o clube, “até porque, sem ele, o jornalista que tem um foco no esporte, por exemplo, não é ninguém”.

Dos 10 torcedores, apenas dois acreditam que o jornalista deva ser imparcial. Marco Lima crê que “a imparcialidade é um pré-requisito ético do jornalista”. Airton

²¹ Leonardo Iung se refere à Tribuna de Minas

Soares fala que somente “artigos de comentaristas podem divulgar o clube, mas o texto jornalístico deve mostrar o que realmente ocorre”.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término deste estudo, podemos observar que existe entre a imprensa local uma ideia de que é necessário sim ajudar o Tupi, como único clube da cidade. O que vemos, portanto, é que os profissionais que cobrem esporte em Juiz de Fora tem um modo bem diferente de enxergar o jornalismo em detrimento ao que realmente deve ser feito.

Dentro do que foi produzido por este trabalho, observamos que a profissão deve seguir alguns preceitos básicos, como a imparcialidade. Ao tomar partido do clube, os jornalistas quebram com esses conceitos e colocam em risco pressupostos éticos e a própria responsabilidade. Quando há omissão de informação, como confirmado pelos questionários, a notícia é comprometida. Dentre os torcedores entrevistados, a maioria questionou quanto a falta de transparência no Tupi. Ao saber que algumas coisas de fato não são informadas, como podemos confiar no trabalho jornalístico?

A maioria dos jornalistas afirmou também que ocorrem mudanças em seus textos nos momentos diferentes vividos pelo Tupi, exaltando as vitórias e minimizando as derrotas. Isso favorece, em partes, a visão que os torcedores têm em relação ao que é produzido. Para eles o jornalista local tem como obrigação apoiar o clube, como podemos ver nos questionários respondidos, e segundo alguns, isso é necessário, pois o Carijó também os mantém trabalhando.

Se entre os torcedores esse discurso já é condenável, mais complicado é saber que entre os profissionais existe quem acredite que o sucesso do Tupi também é o seu sucesso profissional, o que justificaria o incentivo dado ao clube.

Parte dessa situação pode ser atribuída ao fato de só haver um clube profissional em Juiz de Fora. Esse vínculo entre o sucesso do clube e o sucesso profissional poderia ser diminuído caso houvesse a necessidade de se policiar em seus textos para não aborrecer os rivais, como acontece nas cidades onde existem mais de uma equipe.

Quando surgiu a ideia de se produzir esse estudo, o objetivo era identificar a prática desse tipo de jornalismo, o “jornalismo de incentivo”, e mostrar o quanto o Tupi pode ser prejudicado com o fato de não haver vozes críticas dentro da mídia juiz-forana. Entre os torcedores, no entanto, essa opinião se dividiu, com metade dos entrevistados acreditando que não falta crítica na cobertura.

Quando a opinião de torcedores e jornalistas começa a se misturar nós podemos concluir que algo está errado. A única crítica real do torcedor tem sido em relação ao destaque do Tupi nos jornais, pois, segundo eles, deveria ser bem maior. O fato é que, os textos produzidos tem sido agradáveis ao torcedor e cada vez menos confrontantes, menos crítico em relação ao clube.

Dentro do esporte é natural que haja paixão, mas, como visto no estudo, é necessário que essa paixão não faça com que o profissional atue de forma a prejudicar a informação. É necessário que ela seja usada apenas como forma de auxiliar no envolvimento e na busca por informação, e não negativamente, interferindo no teor das notícias e nem fazendo com que haja omissão dos fatos.

No ano de 2012, o time viveu altos e baixos. Após um início de ano ruim, a equipe do Tupi se recuperou e acabou se tornando Campeã Mineira do Interior. No restante do ano, que marcava o centenário do clube, a situação foi outra. Toda a euforia produzida inclusive pela mídia, não se confirmou na disputa do Campeonato Brasileiro

da Série C. O Carijó acabou rebaixado, pegando a todos de surpresa, pois quem acompanha os noticiários esperava uma campanha no mínimo digna da equipe juiz-forana.

Esse tem sido o principal problema. Falta investigação, a cobrança da imprensa da cidade. O que se pede nos noticiários locais é sempre o apoio do torcedor e acabamos visualizando a falta da procura real pelo que está acontecendo, pelo porque do time estar jogando mal. E o torcedor, passional como é, só se dá conta da necessidade das cobranças quando o clube se encontra em situação ruim e vê como prejudicial, em bons momentos, que a imprensa exerça o seu papel, sua real função.

Não podemos também generalizar e colocar todos os torcedores no mesmo patamar. Existem sim os que cobram uma imprensa mais atuante dentro do clube até para que ele, como fã, tenha mais contato com o que acontece por trás das “cortinas” do Tupi. Também não podemos ser excessivamente críticos em relação à imprensa, pois dentro do meio profissional, ainda existem aqueles que acreditam que a confrontação deva sempre ser feita, que o jornalismo deva ser bem exercido.

Os jornalistas de redação não devem ser assessores do clube. O medo de ver seu trabalho desvalorizado, em caso de uma possível fase negra do Tupi, prejudica o bom exercício da profissão e transforma os profissionais em amigos do clube. O que pedimos não é que a imprensa pare de falar bem do time e sim que ela tenha uma visão mais imparcial e crítica, mantendo o padrão em caso de bons ou maus resultados.

Por melhores que sejam as intenções, essa postura é prejudicial ao esporte local. Apenas com elogios, é praticamente impossível que o clube evolua. Não há a possibilidade de se observar onde estão os erros e nem onde eles devam ser modificados

para que aconteça um real crescimento. E essa estagnação acaba sendo pior para o jornalista, que vai ser obrigado a continuar cobrindo nas mesmas condições. A crítica faz crescer e é necessária.

Com a produção deste trabalho podemos observar que a imprensa esportiva evoluiu muito e nos dias de hoje possui liberdade e muito mais organização. É necessário, porém, que os profissionais saibam aproveitar esse momento e também modifiquem o seu pensamento em relação à produção de informação, observando os preceitos básicos da profissão. Não existe mais possibilidade, nos dias de hoje, de que o profissional continue acreditando ser dependente do sucesso de um clube. É importante que as cobranças e críticas sejam feitas de forma correta e imparcial.

No caso de insucesso do Tupi, pouco vai mudar. Ele vai continuar participando de competições e necessitando de cobertura pela mídia juiz-forana. O que cabe à mídia é cobrar que o clube esteja sempre no caminho do sucesso, observando e apontando erros e noticiando os acertos. Não faz parte da imprensa torcer e apoiar o time, omitindo momentos obscuros e nem situações estranhas que possam vir a ocorrer no interior dos portões do Tupi Foot Ball Clube.

Os torcedores de Juiz de Fora precisam de informações corretas, críticas e esclarecedoras e não de textos institucionais que apenas exaltam o clube e fecham os olhos aos problemas facilmente identificáveis por quem acompanha o Tupi.

7- REFERÊNCIAS

A FUNDAÇÃO DO CLUBE. Disponível em:

<<http://www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitulo-i-o-surgimento/a-fundacao-do-clube/>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

ARAÚJO, Cássia Helena Vassão. **Jornalismo e esporte em Juiz de Fora: Os altos e baixos dessa parceria.** 2003. 197 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, UFJF, Juiz de Fora, 2003.

CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL DE 2012 - SÉRIE C. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Campeonato_Brasileiro_de_Futebol_de_2012_-_S%C3%A9rie_C>. Acesso em: 25 fev. 2013.

CBF INCLUI O TREZE-PB E MANTÉM O INÍCIO DA SÉRIE C DO BRASILEIRÃO. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-c/noticia/2012/06/cbf-inclui-o-treze-pb-e-mantem-o-inicio-da-serie-c-do-brasileirao.html>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo.** 4. ed. São Paulo: Contexto Editora, 2011.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Você, ouvinte, é a nossa meta: A importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol.** Juiz de Fora: Etc, 2002.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Um Novo Tipo de Jornalismo: de incentivo.** As interferências econômicas fazem com que apareça na cobertura esportiva um novo gênero na informação. In: INTERCOM, 2008, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: UFRN, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2197-1.pdf>

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio x TV: O jogo da narração:** A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Juiz de Fora: Juizforana, 2012.

LINS, Flavio. **TV Mariano Procópio:** “Cariocas-do-brejo” entrando no ar. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/TV%20Mariano%20Procopio%20cariocas%20do%20brejo.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

MALUHY, Luciano. **O Jornalismo Esportivo e a técnica de reportagem.** In: MARQUES, José Carlos; CARVALHO, Sérgio; CAMARGO, Vera Regina. **Comunicação Esporte – Tendências.** Santa Maria: Palotti, 2005.

REVISTA DO TUPI. Ano 1 – Nº 1, junho de 1982

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo:** histórias da imprensa esportiva do Brasil. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

STJD SUSPENDE INÍCIO DE SÉRIES C E D. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2012/05/stjd-suspende-inicio-de-series-c-e-d.html#edicaocampeonato-campeonato-brasileiro-serie-c-2012>>. Acesso em: 25 fev. 2013.

TESTA, Roney. **Tupi Foot Ball Club - "A repentina explosão dos carijós"**: Uma história de luta, paixão e raça. 2008. 1 v. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Curso de Comunicação Social, Universidade Salgado Filho, Juiz de Fora, 2008.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo Esportivo: Relatos de uma Paixão** - Coleção Introdução ao Jornalismo - Volume 4. São Paulo: Saraiva, 2009.

8- APÊNDICE

8.1- JORNALISTAS

8.1.1: Ivan Elias – Blog Toque de Bola

1- O texto da cobertura do Tupi sofre alguma mudança em momentos de vitória ou de crise? Como?

A cobertura do Tupi é um pouco delicada, sim, em função de ser o único clube local que ainda está no futebol profissional. Acredito mesmo que no dia-a-dia a imprensa local até "alivia" nas críticas. O ideal seria sempre fazer as cobranças, com o profissionalismo necessário.

2- Você já deixou de noticiar algo negativo sobre o clube no sentido de ajudar no momento difícil?

Algumas notícias realmente às vezes não divulgamos, como eventuais cortes de luz e telefone na sede de Santa Terezinha, por falta de pagamento. Se a situação persistir, porém, como longos períodos sem luz e telefone, aí já cabe pelo menos o registro.

3- Qual a sua opinião em relação à cobertura esportiva na cidade? Acho que de certa forma é difícil encontrar um meio termo. Como já dissemos na resposta inicial, há uma tendência natural de se aliviar as críticas. Mais ou menos como "só sobrou o Tupi no futebol profissional, e ainda vamos ficar pegando no pé?"

4- O sucesso ou o fracasso do time pode ou deve ser associado à cobertura da mídia?

É muito importante para o clube ter uma cobertura do dia a dia. Tecnicamente, em campo, pode não representar nada. Mas hoje é fundamental que qualquer instituição respeite à imprensa e, conseqüentemente, a opinião pública. Curiosamente, convivemos com dois extremos nas últimas temporadas. Ricardo Drubscky, campeão brasileiro pelo Tupi como técnico da Série D em 2011, sempre foi atencioso e não tinha por hábito esconder escalações. Moacir Júnior, terceiro lugar no Estadual de 2012, já acredita que uma informação mínima que seja serve como arma para o adversário. Acredito que, no caso de Moacir, por exemplo, o clube deveria ter um pulso mais firme e fazer com que o treinador atenda a imprensa com mais profissionalismo. Não pode a assessoria ficar dias sem enviar um texto porque um treinador não quer. O clube tem que estar acima de qualquer profissional, como conduta.

5- Qual resposta você tem recebido dos torcedores em relação a sua cobertura?

Sentimos um pouco esse dilema, o torcedor que acompanha mais de perto o clube na verdade sabe que a imprensa esportiva "pega leve" às vezes com os problemas. Mas neste final de 2012, por exemplo, ninguém poupou reclamações diante do desmanche e da falta de perspectiva do futebol para a temporada 2013.

6- Quando o clube perde ou tem um grande fracasso, você dá a mesma cobertura?

Procuramos dar o mesmo espaço. Nas conquistas, é natural que a cobertura seja maior.

7- O fato de ser o único representante do futebol profissional leva a mídia da cidade a praticar o jornalismo de incentivo?

Acho que esse risco é real.

8.1.2: Carlos Ferreira – Rádio Cultura – Santos Dummont

1 – O texto da cobertura do Tupi sofre alguma mudança em momentos de vitória ou de crise? Como?

Sofre, nas vitórias ou nas crises, as divulgações acontecem na dimensão dos interesses de quem tem a responsabilidade da divulgação. Exemplo: No jogo Macaé 4 x 0 Tupi, o goleiro Rodrigo falhou em 3 dos 4 gols, mas como ele estava recebendo ao longo das competições, elogios acima do que de fato apresentava em campo, não li uma matéria qualquer informando ou comentando as falhas do goleiro.

2- Você já deixou de noticiar algo negativo sobre o clube no sentido de ajudar no momento difícil?

Já divulguei. Exemplo: salários atrasados, e quase fui massacrado por alguns integrantes da "equipe" em que eu trabalhava, porque eram associados do clube (prática que eu condeno) e tiveram seus interesses contrariados. Já divulguei que o Tupi havia feito contato com o atacante Careca (do Cruzeiro) e a "diretoria" da época veio a público me chamar de mentiroso. Fato que me obrigou a ligar para o Careca, gravar com ele no velho gravador de fita K7, colocar no ar e provar quem era o mentiroso.

3- Qual a sua opinião em relação à cobertura esportiva na cidade?

Cobertura de acordo com o tamanho do Tupi.

4- O sucesso ou o fracasso do time pode ou deve ser associado à cobertura da mídia?

Não, o insucesso é de responsabilidade do próprio clube.

5- Qual resposta você tem recebido dos torcedores em relação a sua cobertura?

Uns gostam, outros não

6- Quando o clube perde ou tem um grande fracasso, você dá a mesma cobertura?

Sim, e falar das derrotas, apontar erros é mais fácil, as falhas são claras.

7- O fato de ser o único representante do futebol profissional leva a mídia da cidade a praticar o jornalismo de incentivo?

Incentivo exagerado, muita das vezes superior ao que o Tupi merece, ou por interesse de quem "incentiva".

Cabe aqui ressaltar que alguns membros da mídia local criam ídolos, o Rodrigo é um deles, só enaltecem o que faz de positivo e omitem os erros. Criam desafetos, que tudo fazem em campo não tem valor, não repercute, o que é profundamente lamentável.

8.1.3: Fernando Gonçalves – Rádio Globo e Jornal Diário Regional

1- O texto da cobertura do Tupi sofre alguma mudança em momentos de vitória ou de crise? Como?

Sim. O texto do esporte pode ser bem flexível. Temos a liberdade para poder usar ditos populares como, por exemplo, "Quem não faz, leva", expressões que deem uma ênfase maior ao tento conquistado ou a uma crise. Algumas expressões como "A bruxa está solta", serve para você introduzir o assunto a ser retratado na matéria. Eu, no tempo de Diário Regional/Rádio Globo já utilizei várias dessas expressões, com liberdade para escrever. Quando o Tupi precisava de apenas duas vitórias para subir à Série C, o título foi "A dois passos do paraíso". Na semana santa, fiz menções ao calvário, saga, via crucis, etc, porque era um tempo ruim que o time atravessava e estava no tempo da semana santa. No texto esportivo, temos liberdade para escrever assim.

2- Você já deixou de noticiar algo negativo sobre o clube no sentido de ajudar no momento difícil?

Não. Nós não podemos deixar de dar uma notícia até porque ou outros canais darão. Nós não damos a notícia, quando isso é pedido a nós pela fonte. Porém se ela (fonte) pedir só para não ser mencionada, nós damos a notícia e vamos às fontes oficiais para colher as aspas. O jornalista, antes de tudo, é comprometido com a verdade.

3- Qual a sua opinião em relação à cobertura esportiva na cidade?

A cobertura da cidade não é boa. A cidade como um todo não apoia o esporte. No Tupi, apenas a Rádio Globo/Diário Regional e a Tribuna de Minas estão no dia-a-dia do clube. Isso é ruim porque o clube não aparece. Se ele não aparece, não há investimento. Infelizmente, desde o fim da TV Panorama, a cobertura da Globo local para o Tupi tem sido muito fraca. As Tvs locais não demonstram interesse em cobrir o Tupi como vemos em cidades maiores. Com apenas dois veículos fazendo esse papel, Juiz de Fora perde muito.

4- O sucesso ou o fracasso do time pode ou deve ser associado à cobertura da mídia?

Essa é uma questão difícil. Lógico que a mídia tem o poder de destruir e construir, mas isso junto com diversos outros elementos. Um exemplo que cito é o do técnico Alexandre Grasseli, que treinou o Tupi em apenas dois jogos. Ele perdeu as duas partidas e através de um conflito com a imprensa foi demitido. A questão é, foi a imprensa ou os resultados dele? Um pouco dos dois. Do outro lado o técnico Ricardo Drubsky foi campeão com o Tupi (quase a mesma equipe do Grasseli) e tinha um relacionamento ótimo com a imprensa, que lógico, o endeusou. Mas aí eu acredito que a competência ou incompetência do time é que deva ser associado ao sucesso ou fracasso e não a imprensa, que só reporta o que ocorre.

5- Qual resposta você tem recebido dos torcedores em relação a sua cobertura?

Gosto muito do contato dos torcedores. Nas redes sociais esse contato fica ainda mais constante. E sempre recebi muitos elogios. Lógico, acredito tê-los recebido por questão da minha equipe que é comandada pelo Ricardo Wagner, um jornalista completo. Eles sempre elogiam bastante a cobertura tanto no rádio quanto no jornal, dão sugestões e isso é muito importante para nós, ter esse retorno dos nossos leitores/ouvintes.

6- Quando o clube perde ou tem um grande fracasso, você dá a mesma cobertura?

Sim, nós estamos 100% comprometidos com o esporte local. Hoje, esse "esporte local" é direcionado para o Tupi, que representa Juiz de Fora no cenário esportivo nacional. Se você for fazer uma análise das matérias da página 8 do Diário Regional ou das edições do Globo Esportivo local, você chegará a conclusão que nós, na vitória ou derrota, jamais abandonamos o Tupi. Com crise ou sem crise, sol ou chuva, frio ou calor, sempre se viu um microfone da Globo onde quer que o Tupi estivesse.

7- O fato de ser o único representante do futebol profissional leva a mídia da cidade a praticar o jornalismo de incentivo?

Sim, pois isso também nos interessa. Jornal/Rádio é comercial. Quanto melhor o Tupi estiver, mais anúncios teremos no jornal e na rádio. Temos sempre que andar juntos com o Tupi de mãos dadas, porém sem faltar com a ética e a verdade. É literalmente dar um empurrão na equipe, nos jogadores, nos torcedores, para que o Tupi logre êxito. O "Tupi campeão" vende mais do que o "Tupi continua sem novidades para 2013".

8.1.4: Bruno Ribeiro – Rádio Globo

1- O texto da cobertura do Tupi sofre alguma mudança em momentos de vitória ou de crise? Como?

Depende. Quando eu ou Fernando escrevemos, vejo mais semelhanças entre os textos, sem muita opinião em relação aos resultados dos jogos. Há informação, detalhamento dos jogos e pouquíssima opinião. Quando o Ricardo escreve há mudanças sim. O texto, claramente, tem uma veia mais opinativa. Exalta muito o time na vitória e, dependendo da derrota, bate mais ou menos no clube, nos jogadores, na comissão técnica. Por exemplo, no início da Série D, as primeiras derrotas foram descritas com um teor mais tranquilo, sereno, de um time que havia sido campeão do interior de Minas e que tinha chances de se recuperar. Na reta final, as derrotas vieram com textos mais pesados, batendo mais na tecla dos problemas de salários, relaxamento de determinados atletas, dos problemas da direção do clube, etc

2- Você já deixou de noticiar algo negativo sobre o clube no sentido de ajudar no momento difícil?

Nunca. Inclusive fui o primeiro na cidade – nem Ricardo, nem Fernando, nem Wallace, haviam noticiado ainda – o atraso de salários ainda em julho. Isso gerou problemas com torcedores, que não acreditaram na informação e tentaram me hostilizar. Sempre que tenho a confirmação de uma notícia, ponho para o ar. Não boto para o ar boatos, mas quando confirmo a informação e estudo o momento de divulgá-la, o faço sem menor problema. Pra mim, isso é obrigação.

3- Qual a sua opinião em relação à cobertura esportiva na cidade?

De forma geral, fraca. Em todos os dias, somente o Sircom (Rádio Globo e Diário Regional) e Grupo Solar (Tribuna de Minas e Rádio Solar) estão presentes na cobertura do único clube da cidade. Apenas em tempos de contratação, de alta ou baixa significativas do Tupi, ou em treinos aprontos, as TVS dão espaço in loco para o Galo. Em uma cidade de tantos meios de comunicação, ter apenas três, quatro jornalistas que dominem o dia-a-dia do clube, é muito pouco.

No restante das atividades, acho a cobertura regular, mas incompleta. Dá – se tudo picado, sem profundidade. Não há muito espaço para o esporte amador (tendo em vista que o Ricardo é o presidente da Liga de Futebol e é apresentador de um programa, que a divulga, e que a Copa Bahamas tem parcerias com Solar, Globo, Diário e Tribuna)

4- O sucesso ou o fracasso do time pode ou deve ser associado à cobertura da mídia?

Em termos de resultados, não. Em termos de gestão, de visibilidade do clube e de acompanhamento por parte do torcedor através da mídia, sim. Se a mídia não acompanha o clube de maneira a torná-lo notícia, abre – se o espaço para a falta de motivação dos atletas, para o descaso dos dirigentes com as questões referentes ao clube, etc. Uma cobertura intensa da mídia, de uma forma, ou de outra, movimentando o clube, não o deixa parado, carente de visibilidade. Quanto aos resultados, acredito que futebol se resolve dentro de campo e a mídia não faz com que o clube fracasse, ou seja, bem sucedido.

5- Qual resposta você tem recebido dos torcedores em relação a sua cobertura?

Muito boa. Recebo muitos elogios, principalmente pela forma transparente com a qual tenho tratado a informação. Fontes seguras, a confiança das mesmas em mim, a seriedade mesclada com um bom convívio com funcionários, atletas, membros da comissão técnica e diretoria e sempre manter distanciamento do grau de amizade com o grau de noticiabilidade da fonte. Ou seja, não deixar que meu bom ou mau relacionamento com a fonte deturpe a informação é algo que tomo o maior cuidado possível. Também recebo críticas. A maioria delas, sem modéstia, não tiveram fundamento e vieram de pessoas ligadas à diretoria, em função dos problemas que foram noticiados por mim.

6- Quando o clube perde ou tem um grande fracasso, você dá a mesma cobertura?

Obviamente, são dois momentos bastante distintos, que pedem ações que pedem menos ou mais descontração, menos ou mais peso nas perguntas, ou diferentes maneiras de abordagem, com matérias especiais com jogadores, busca de informações reveladoras nos bastidores, etc. Porém, a cobertura, em termos de apuração, trato da informação e divulgação é a mesma.

7- O fato de ser o único representante do futebol profissional leva a mídia da cidade a praticar o jornalismo de incentivo?

Não. O fato de haver apenas um clube de futebol profissional na cidade apenas deixa isso mais aglutinada, concentrada, mais aparente. Porém, Sport e Baeta poderiam voltar, poderiam surgir mais 52 clubes profissionais: a linha editorial de boa parte dos meios da cidade em relação ao esporte seria o jornalismo do incentivo. Acho legal inflamar o torcedor, chamá-lo para campo. Só não concordo em mentir para o torcedor, enganá-lo, fazer com que ele pense que o clube anda a mil por hora, quando está andando de marcha ré. Procuo não fazer este tipo de jornalismo e tenho conseguido êxito.

8.1.5: Lucas de Vitta – Ter Notícias

1- O texto da cobertura do Tupi sofre alguma mudança em momentos de vitória ou de crise? Como?

Sofre, mas não de uma forma que atrapalhe a objetividade do texto. Por ser o principal time da cidade e até pela ligação que os repórteres acabam tendo com o time, vez ou outra, a exaltação da vitória ou a dureza da crítica passam do ponto devido à paixão. Não deveria. Essa observação anterior é de uma forma geral, analisando até também o trabalho dos colegas. Essa “mudança” acaba não sendo intencional, até porque a notícia deveria ser isenta. Mas cada um de nós acaba “torcendo” um pouco sim nas matérias.

Como isso ocorre? Não sei explicar bem, porque, como disse, eu não faço isso intencionalmente. Às vezes, há empolgação demais com um resultado ou sequência de vitórias, ou crítica demais em uma derrota totalmente aceitável, mas inadmissível por ter sido no Mário Helênio, por exemplo. Depende da situação.

2- Você já deixou de noticiar algo negativo sobre o clube no sentido de ajudar no momento difícil?

Nunca. É função da imprensa mostrar o que está acontecendo, seja isso certo ou errado. Não há ajuda alguma ao clube ao se esconder as mazelas. Mostrando-as é que é possível contribuir de alguma forma.

3- Qual a sua opinião em relação à cobertura esportiva na cidade?

A cobertura esportiva da cidade é boa dentro das possibilidades e investimentos que as próprias empresas de comunicação locais fazem na editoria de esportes. Ter somente a Rádio Globo cobrindo os jogos do Tupi ao vivo é um absurdo para uma cidade do tamanho de Juiz de Fora. E só a Tribuna de Minas ter repórteres exclusivos para editoria (o Diário Regional tem, mas o trabalho é dividido com a rádio), outro absurdo.

A falta de incentivo ao esporte não é uma novidade na cidade. Talvez isso influencie também na pouca importância dada por alguns veículos ao assunto.

4- O sucesso ou o fracasso do time pode ou deve ser associado à cobertura da mídia?

Não acredito. Sucesso ou fracasso de uma equipe passa pelo trabalho realizado pelos profissionais que lá atuam. Não é a imprensa que faz determinado atleta jogar bem, determinado treinador escalar o time correto, etc. No caso específico do Tupi, por exemplo, a primeira fase da Série D de 2011 não foi uma maravilha. A imprensa, em geral, criticava o jeito que o time jogava e a ausência de gols. Isso não foi problema para o Drubscky, que conseguiu recuperar o Ademílson, e fez o que fez.

5- Qual resposta você tem recebido dos torcedores em relação a sua cobertura?

Dos torcedores que eu tenho contato - são poucos -, eles elogiam o meu trabalho. No entanto, o TER Notícias não tem um repórter exclusivo para esporte. Por isso, muitos não me conhecem ou até mesmo não sabem que sou eu quem escreve. Acaba que o trabalho passa despercebido perto do de outros colegas como o Bruno Ribeiro e o Wallace Matos.

6- Quando o clube perde ou tem um grande fracasso, você dá a mesma cobertura?

Normalmente se tem mais espaço para as vitórias do que para as derrotas. Há sim, de fato, um “refresco” quando a situação não está tão boa. Mas como eu já te respondi em outra pergunta, muitas vezes isso não é intencional, com o objetivo claro e exclusivo de ajudar o Tupi. Depende não só do repórter, mas dos editores também.

7- O fato de ser o único representante do futebol profissional leva a mídia da cidade a praticar o jornalismo de incentivo?

Acho que jornalismo de incentivo é um termo um pouco exagerado. Há incentivo, de fato, mas nunca percebi ou deixei de escrever algo que não fosse de interesse do time. Esse ano de 2012 é um grande exemplo disso. Praticamente todos os veículos noticiaram que os salários estavam atrasados. Todos falaram do estranho assalto à Santa Teresinha. Não considero que seja um jornalismo de incentivo, mas talvez seja menos crítico do que deveria ser.

8.1.6: Renato Salles – Tribuna De Minas

1- O texto da cobertura do Tupi sofre alguma mudança em momentos de vitória ou de crise? Como?

Na realidade, a cobertura de um clube de futebol segue um padrão cíclico independente de resultados presentes ou passados, negativos ou positivos. Em geral, na cobertura feita durante as competições, o que chamaria de padrão, a semana começa com uma avaliação da rodada anterior e as causas e efeitos destes resultados, assim como se haverá ou não desfalques por lesão ou suspensão em virtude do que aconteceu no último confronto. Também é importante destacar os jogadores que estão liberados para a próxima partida seja curados de problemas médicos, físicos e disciplinares. Os dias que se seguem com um acompanhamento maior da rotina de treinamento e as opções para o confronto seguinte, e se desenrola até a véspera do embate, quando é definida a escalação. O ápice é a cobertura do jogo em si, quando o ciclo é retomado. Mas é claro que os momentos de grandes vitórias - títulos ou até mesmo um acesso ou classificação de maior vulto - ou grandes derrotas, embora não altere essa rotina padrão, sugere um maior leque de matérias fora do lugar-comum. É trabalho do jornalista buscar os bastidores que levaram a consumação do sucesso ou do fracasso. Contar as histórias de heróis ou vilões. Enfim, a cobertura é sempre feita de forma a aprofundar tudo que envolve o clube da melhor maneira possível, mas, em momentos extremos, essas possibilidades de destrinchar todos os pormenores se tornam ainda maiores e atende, até mesmo, ao anseio de leitores e torcedores.

2- Você já deixou de noticiar algo negativo sobre o clube no sentido de ajudar no momento difícil?

A melhor maneira do jornalista colaborar com algum clube ou com qualquer instituição pública ou privada é noticiar fatos positivos e negativos. É dessa forma que você motiva que estas entidades apresentem as melhores respostas que se esperam dela. Não deixaria de publicar algo para proteger clube ou qualquer pessoas. A informação não pertence ao jornalista e deve ser repassada. É claro que há o bom senso. Não gosto do jornalismo esportivo que parte para o jornalismo sensacionalista e invade a vida pessoal de jogadores, por exemplo, em busca de furos e manchetes "explosivas". Não considero isso certo. Não é questão de emitir, apenas não se tratar de um fato público, diferente dos erros e acertos cometidos por profissionais de futebol dentro do campo, em um treinamento, enfim, no exercício de seu trabalho.

3- Qual a sua opinião em relação à cobertura esportiva na cidade?

Considero a cobertura esportiva da cidade boa dentro da realidade do próprio esporte da cidade. O grande centro da atenção do torcedor do esporte no Brasil é o futebol e isso faz do Tupi a menina dos olhos da imprensa esportiva da cidade. Posso responder pelo veículo em que trabalho e afirmo com tranquilidade que não há sequer um trino do clube em que não tenha um repórter com caneta e ouvido a postos. No trato diário, o jornal dedica um espaço cativo e nobre ao Tupi, com matérias que sempre valorizam fotos e imagens da agremiação, o que é quase uma obrigação, mas que, de forma indireta, ajuda aos patrocinadores obter parte do retorno esperado. Temos profissionais qualificados na imprensa da cidade que conhecem a fundo a história do clube e

alimentam a discussão em torno do Carijó como referência esportiva na cidade e região. Talvez a crítica que eu faria é o fato das emissoras de TV locais não terem um repórter fixo responsável pela cobertura do esporte na cidade. Isso prejudica a cobertura do Tupi, que, neste meio, acaba reduzida a matérias pré ou pós-jogo.

4- O sucesso ou o fracasso do time pode ou deve ser associado à cobertura da mídia? De forma alguma. A mídia só retrata o que é feito por dirigentes, comissão técnica e jogadores. Dar qualquer valor por sucesso ou fracasso de um clube a mídia seria minimizar as responsabilidades e o trabalho de profissionais do futebol, que são pagos para desempenhar um bom papel dentro de campo. A função da mídia é informar. De certa forma, acaba sendo uma parceira do clube pois a veiculação de matérias referentes à agremiação na mídia gera a publicidade espontânea tão esperada pelos patrocinadores e demais parceiros, além de alimentara paixão do torcedor, e conseqüentemente, ajudando na venda de produtos licenciados e de ingressos.

5- Qual resposta você tem recebido dos torcedores em relação a sua cobertura? A resposta é a melhor possível. Há um respeito muito grande do torcedor com a grande maioria dos repórteres que atuam na cidade. Eles têm nesses profissionais porta-vozes que respondem ao seus anseios por meio de um trabalho sério. O torcedor quer saber o máximo de informações sobre seu time. Se o jornalista desempenha bem esse papel, fazendo seu trabalho da melhor maneira possível, ele vai ter o respeito do torcedor. É um relação muito simples e deve se restringir a apenas isto. O jornalista não pode querer

ser maior que seu trabalho sob risco de causar ruídos perigosos na transmissão da mensagem o que é sua obrigação por ofício.

6- Quando o clube perde ou tem um grande fracasso, você dá a mesma cobertura? A cobertura é rigorosamente a mesma. O texto talvez ganhe um pouco mais de emoção exatamente para tentar refletir todas as emoções proporcionadas por estes eventos extremos. Mas essa preocupação maior como texto não pode nunca se sobrepor a informação. O fato deve estar presente na cobertura independente do resultado da partida ou do momento do campeonato. O jornalista não tem o direito de sonegar a informação sob pena de não estar cumprindo seu ofício. Outro fator que pode mudar um pouco na vitória máxima ou no fracasso é o espaço que jornais e TVs dispensam para o assunto. Uma vez mais, essa variação tem mais a ver com o caráter excessivo dessa situações extremas, que fogem do padrão.

7- O fato de ser o único representante do futebol profissional leva a mídia da cidade a praticar o jornalismo de incentivo?

Não vejo dessa forma. O que quase todos os veículos de comunicação fizeram com o Corinthians na disputa do Mundial é um jornalismo de incentivo? Eu não acho. O fato em si e a informação global estava presente em todas as reportagens. As tais perguntas que devem orientar o lead acadêmico estavam todas respondidas. Não houve falhas de informação, desinformação ou omissão. Mas, muitas vezes no jornalismo há caráter do otimismo o que muitos entendem como incentivo. Não é por aí. Temos que entender

também que o futebol é entretenimento e a mídia, muitas vezes, trabalha para aguçar a atenção do leitor e do espectador. Se reportar todos os detalhes da notícia e provocar o torcedor a comparecer ao estádio para apoiar seu time e lotar os estádios de forma ordeira é jornalismo de incentivo, então, viva o jornalismo de incentivo.

8.1.7: Márcio Santos – Rádio Itatiaia

1- O texto da cobertura do Tupi sofre alguma mudança em momentos de vitória ou de crise? Como?

Não acredito que sofra mudança no texto, pois a intenção é informar o ouvinte sobre o fato. Neste ano, por exemplo, o que mais se noticiou foi a crise do Tupi. Claro que quando acontece uma vitória a tendência é exaltar o time.

2- Você já deixou de noticiar algo negativo sobre o clube no sentido de ajudar no momento difícil?

Sei que não é o correto, mas já fiz uso dessa prática. Pois entendi que a informação também não era muito necessária, não iria acrescentar em muita coisa, apenas deixar o clube numa situação ainda pior (o caso foi um corte de energia elétrica, quando o clube passava por aperto financeiro e negociava com um possível patrocinador).

3- Qual a sua opinião em relação à cobertura esportiva na cidade?

A cobertura esportiva em Juiz de Fora sempre foi muito boa, apesar dos poucos eventos. Os vários veículos de comunicação da cidade só vão disponibilizar profissionais e espaço, caso a equipe der resultado. Hoje, tanto o Tupi quanto o time de vôlei da UFJF, tem mobilizado vários veículos de comunicação, mas tem que haver um fato para que haja motivação para cobertura. Infelizmente temos apenas uma rádio acompanhando o Tupi e um portal de internet cobrindo o vôlei, mas se as equipes da cidade conquistarem

resultados expressivos nas competições que disputam, certamente os outros veículos vão na onda e aí, a cobertura cresce.

4- O sucesso ou o fracasso do time pode ou deve ser associado à cobertura da mídia?

Não acredito que a mídia tem influência para interferir no desempenho de atletas. O papel da mídia é tão somente informar. Logo, não pode ser culpada por um fracasso ou um sucesso de qualquer equipe, seja dentro de campo ou das quadras, apesar de sabermos que existem profissionais e até veículos de comunicação que gostam de trazer para si os méritos da conquista de alguma equipe.

5- Qual resposta você tem recebido dos torcedores em relação a sua cobertura?

A resposta das coberturas que faço, tem sido avaliadas como muito boas, principalmente porque sou responsável pela cobertura em âmbito estadual e até mesmo nacional das equipes de Juiz de Fora. Por ser repórter de uma das maiores redes de rádio do país, a repercussão dos assuntos é ainda maior. No ano passado (2011), por exemplo, os noticiários do Tupi ocuparam boa parte da programação esportiva da Itatiaia, pelo fato de ter sido a única equipe mineira a conquistar um título nacional em 2011.

6- Quando o clube perde ou tem um grande fracasso, você dá a mesma cobertura?

Neste caso, o interesse do ouvinte não é o mesmo, por isso, o grau de cobertura também não é o mesmo. Como eu disse anteriormente, a cobertura precisa de um fato novo, uma motivação.

7- O fato de ser o único representante do futebol profissional leva a mídia da cidade a praticar o jornalismo de incentivo?

Sem dúvida. Pois o sucesso do Tupi é o meu sucesso também. Exatamente por ser o único clube profissional da cidade, todos querem vê-lo bem, por isso as notícias tendem ser bem positivas, mas não a ponto de deixar de noticiar fatos importantes, mesmo que sejam negativos para o clube.

8.1.8: Wallace Mattos – Tribuna De Minas

1- O texto da cobertura do Tupi sofre alguma mudança em momentos de vitória ou de crise? Como?

O texto é sempre apaixonado. Sei que a afirmação é meio complicada de explicar, mas na minha concepção pessoal, o jornalismo esportivo, por mais que envolva os preceitos básicos de objetividade e imparcialidade na informação, sempre terá a paixão como elemento implícito. Afinal, não se torna jornalista esportivo quem não tem envolvimento com o esporte - no caso do Brasil a maioria esmagadora com o futebol - e este desperta paixões. Elas podem ser colocadas de lado de uma maneira que não atrapalhem a transmissão das informações ao leitor, mas sempre estarão presentes. É mais honesto com quem está se informando com seu texto que ele saiba disso, e até prefiro pensar que o leitor de esporte gosta - para o falar bem ou para falar mal - de ser informado por quem se envolve com a notícia apaixonadamente como ele faz sua leitura. Então, nesse sentido, momentos de crise e momentos de vitória são tratados desta mesma forma por mim. Admito que às vezes há exageros tanto no otimismo como no pessimismo, mas o texto é sempre construído da maneira como sinto a notícia do Tupi.

2- Você já deixou de noticiar algo negativo sobre o clube no sentido de ajudar no momento difícil?

Não. Mesmo por vezes querendo que aquilo não fosse realidade, noticiei fatos negativos sobre o clube. Não foram muitos, mas já aconteceu. Acredito até que a melhor maneira de ajudar é essa, dando a notícia para que o erro não volte a acontecer. Mas há que se

tomar cuidado. O exemplo clássico são os atrasos de salário. Raras foram as vezes que alguém se dispôs a falar sobre isso em meus quase dez anos de jornalismo esportivo. Se não há fonte, não há matéria, é apenas especulação e isso não é jornalismo.

3- Qual a sua opinião em relação à cobertura esportiva na cidade?

Acredito que Juiz de Fora como um todo dá muito pouco valor ao esporte. Nós que militamos no meio - e aqui me permito juntar atletas, técnicos, dirigentes e jornalistas - acabamos fazendo isso como profissão de fé. A cobertura diária de rádio e jornal é boa, mas poderia melhorar. Acabamos "nos virando" para dar conta de tudo o que acontece e ainda assim não é suficiente. A TV, a meu ver, é o veículo que mais poderia ampliar seu espaço para a cobertura esportiva local e regional atualmente, mas infelizmente não vejo nenhum movimento nessa direção.

4- O sucesso ou o fracasso do time pode ou deve ser associado à cobertura da mídia?

Não digo o sucesso ou o fracasso, mas a exposição e, conseqüentemente, o potencial para se atrair investidores, sim. Sem espaço na mídia, não há como prometer aos patrocinadores visibilidade, sem a qual não há porque investir em uma equipe. Sem esse investimento não há como contratar profissionais de alta qualidade e isso acaba levando a um desempenho ruim nas competições. Em um efeito cascata, todos perdem, e o ciclo se fecha quando a mídia deixa de dar uma ampla cobertura ao time por conta de seus desempenhos ruins nas competições.

5- Qual resposta você tem recebido dos torcedores em relação a sua cobertura?

A resposta dos torcedores, para mim, é sentida mais no bate papo da arquibancada, no contato direto. Sempre faço questão de me identificar, debater posições com quem acaba sendo a razão de eu escrever. Até hoje, as críticas foram sempre em alto nível, quase sempre ao que é feito no clube ou na modalidade, e não sobre o meu trabalho. A partir de 2010, quando inauguramos os espaços das colunas semanais, a exposição aumentou e já houve até gente que me questionou sobre algumas opiniões. Faço questão de ouvir e explicar que o Papo de Gandula é mesmo um espaço para expor minhas ideias e não de informação pura e simples. Não há uma obrigatoriedade de concordância, e o debate é sempre bem vindo. Mas, de um modo geral, a cobertura é aceita como a possível e, por vezes, elogiada.

6- Quando o clube perde ou tem um grande fracasso, você dá a mesma cobertura?

O espaço que o Tupi ocupa no noticiário da Tribuna é praticamente o mesmo em todas as semanas, ganhando ou perdendo, subindo de divisão ou descendo. Claro, em momentos decisivos, pré-conquistas ou pré-rebaixamentos, por exemplo, a atenção do torcedor/leitor aumenta, por isso fazemos questão de dar um espaço maior nessas horas. Mas não há diferença entre a cobertura da conquista e do fracasso no dia a dia.

7- O fato de ser o único representante do futebol profissional leva a mídia da cidade a praticar o jornalismo de incentivo?

Como já citei em uma pergunta anterior, em nossa cidade, o esporte em geral é muito pouco valorizado. Por isso, acho que o que você chama na pergunta de jornalismo de incentivo acontece com todas as modalidades locais. Nós que militamos no meio queremos ver o esporte juiz-forano grande como a cidade merece. Para isso, hoje, as barreiras são muitas. Quem se arrisca a encará-las e manter uma equipe ou mesmo uma atividade esportiva individual deve ser, antes de tudo, exaltado. Não só o Tupi merece uma cobertura positiva, mas todo o esporte de um município que esmaga boas ideias antes mesmo de tentativas de colocá-las em prática. Antes de cobrar resultados, desempenho ou títulos, não só a imprensa, mas a sociedade de Juiz de Fora tem que reconhecer e aplaudir quem ainda luta para tentar manter um mínimo de atividade esportiva profissional em uma cidade onde poucos enxergam o valor disso.

8.1.9: Pedro Brasil – Tribuna De Minas

1- O texto da cobertura do Tupi sofre alguma mudança em momentos de vitória ou de crise? Como?

Acho que não. Todo fato em que existem provas, argumentos, fontes para comprovar, deve ser noticiado. Acredito que esse é o princípio do jornalismo. Claro que no esporte, num momento de uma grande vitória, o texto pode ser melhor trabalhado, mais "florido".

2- Você já deixou de noticiar algo negativo sobre o clube no sentido de ajudar no momento difícil?

Não trabalho há muito tempo na área, mas nunca deixei não.

3- Qual a sua opinião em relação à cobertura esportiva na cidade?

Acho que a cobertura é boa. Talvez falte um pouco de espaço na TV para o esporte local, mas é uma questão mais complexa.

4- O sucesso ou o fracasso do time pode ou deve ser associado à cobertura da mídia?

Não. Apenas a repercussão do fracasso ou do sucesso. O mérito de vitórias ou derrotas são dos atletas e da comissão técnica.

5- Qual resposta você tem recebido dos torcedores em relação a sua cobertura?

No geral, boa. O que me deixa feliz já que estou começando.

6- Quando o clube perde ou tem um grande fracasso, você dá a mesma cobertura?

Penso que o trabalho de um jornalista esportivo, passa principalmente pelo relato do jogo. Dessa forma, é óbvio que se foi uma grande derrota, com muitas variações, com vida, com alma que leva o torcedor ao delírio, o trabalho não pode ser o mesmo de uma derrota já esperada. Esporte é emoção.

7- O fato de ser o único representante do futebol profissional leva a mídia da cidade a praticar o jornalismo de incentivo?

Sim, existe um jornalismo de incentivo no aspecto de querer ajudar o Carijó. Não tanto de esconder as mazelas e defeitos, mas de tentar apoiar o Tupi. Acredito que se o Baeta ou o Sport estivessem com futebol profissional ativo, seria diferente. Até por cobrança do torcedor (audiência).

8.2- TORCEDORES

8.2.1: Sidnei Barbosa

1- Como você avalia a cobertura nos jornais da cidade?

Boa no caso de futebol e vôlei, por exemplo, e deficitária nos esportes efetivamente amadores.

2- O Tupi é bem destacado pelos jornais?

De certo modo, sim.

3- Você acredita que todas as coisas que acontecem no clube são noticiadas?

Não, por óbvio que não, até porque algumas devem ser tratadas internamente mesmo.

4- O que, na sua opinião, falta ser melhor informado no clube?

Cotas, patrocínios, contratos, enfim, transparência de receita e despesa, borderôs, televisão...

5- Na sua opinião, qual a maior dificuldade do torcedor que quer se manter informado sobre o Tupi?

A falta de transparência da diretoria e o próprio interesse dos jornalistas, bem como dos torcedores do Tupi.

6- Acha que falta mais crítica na cobertura?

Não.

7- Em qual período você sente a maior dificuldade em achar informações sobre o clube?

Períodos das "entressafas", das "vacas-magras", como agora (início de 2013).

8- Você acha que o jornalista deve ser imparcial em relação ao Tupi, ou tem que ajudar a divulgar o clube?

Nem tanto ao céu, nem tanto a terra. Deve ser moderadamente parcial, isso no caso como uma cidade onde se tem um único time como Juiz de Fora. (Um único time de destaque)

8.2.2: Jovanni Gama Delvaux

1- Como você avalia a cobertura nos jornais da cidade?

Acho que a cobertura é boa, mas não é a ideal.

2- O Tupi é bem destacado pelos jornais?

Dependendo da época do ano temos um destaque bom, porém, nos períodos entre campeonatos, não temos o destaque adequado.

3- Você acredita que todas as coisas que acontecem no clube são noticiadas?

Com certeza não são noticiadas.

4- O que, na sua opinião, falta ser melhor informado no clube?

A gestão de futebol (prestação de contas).

5- Na sua opinião, qual a maior dificuldade do torcedor que quer se manter informado sobre o Tupi?

Falta de transparência da diretoria.

6- Acha que falta mais crítica na cobertura?

Com certeza sim.

7- Em qual período você sente a maior dificuldade em achar informações sobre o clube?

Após o término de campeonatos

8- Você acha que o jornalista deve ser imparcial em relação ao Tupi, ou tem que ajudar a divulgar o clube?

Acho que pode mesclar as duas coisas! Criticar quando necessário e divulgar JF e o Tupi.

8.2.3: Lucas Pires

1- Como você avalia a cobertura nos jornais da cidade?

A cobertura em cima do tupi é fraca, pois acho que poderia ter mais envolvimento por parte dos jornais em cima do tupi.

2- O Tupi é bem destacado pelos jornais?

Quanto a ser destacado, o tupi só teve destaque quando foi campeão, tirando isso, são somente notícias dos profissionais da área que fazem um ótimo trabalho, com o que podem divulgar.

3- Você acredita que todas as coisas que acontecem no clube são noticiadas?

Nem tudo o que acontece é noticiado, coisa que acho que deveria ser, pois, ali está nosso dinheiro também e, além disso, é o clube do coração, acho que deveríamos saber de tudo o que ocorre lá dentro.

4- O que, na sua opinião, falta ser melhor informado no clube?

A questão de patrocínios e possíveis contratações deveriam ser mais divulgadas.

5- Na sua opinião, qual a maior dificuldade do torcedor que quer se manter informado sobre o Tupi?

A maior dificuldade é principalmente os meios de comunicação, que não falam nada sobre o clube. Não sei se porque não tem notícias, ou por falta de interesse.

6- Acha que falta mais crítica na cobertura?

Crítica nem tanto, mas falta cobrar mais as notícias.

7- Em qual período você sente a maior dificuldade em achar informações sobre o clube?

No período em que todos já começaram a se mexer, menos o Tupi.

8- Você acha que o jornalista deve ser imparcial em relação ao Tupi, ou tem que ajudar a divulgar o clube?

Acho que se o jornalista for da cidade, ele tem sim que ajudar a divulgar o clube.

8.2.4: Rafael Garcia Torres

1- Como você avalia a cobertura nos jornais da cidade?

De modo geral, avalio como pouca, pois pela estrutura que eles tem, e pelo Tupi ser o único representante da cidade, acho que eles deveriam valorizar mais o Tupi, não só como um time de futebol, como também um patrimônio municipal. Com certeza, um ou outro tem uma "participação" maior, mas no geral, acho que ficam devendo.

2- O Tupi é bem destacado pelos jornais?

O único destaque que já observei foi quando o Tupi foi campeão da Série D, fora isso nunca vi um grande destaque.

3- Você acredita que todas as coisas que acontecem no clube são noticiadas?

Na minha opinião, não. Falta muita coisa para o Tupi ser totalmente aberto, principalmente esclarecer a história do suposto "roubo" na sede.

4- O que, na sua opinião, falta ser melhor informado no clube?

Acredito que um ótimo exemplo seria divulgar a folha salarial de todo mundo do Tupi, desde jogadores até a diretoria.

5- Na sua opinião, qual a maior dificuldade do torcedor que quer se manter informado sobre o Tupi?

Achar algo onde o Tupi seja a notícia, e não apenas o objeto, o alvo de um texto.

6- Acha que falta mais crítica na cobertura?

De críticas acho que já há o suficiente, eu acho que o que falta é cobrança por parte da imprensa juiz-forana.

7- Em qual período você sente a maior dificuldade em achar informações sobre o clube?

Quando o clube vai muito mal, como foi agora na Série C.

8- Você acha que o jornalista deve ser imparcial em relação ao Tupi, ou tem que ajudar a divulgar o clube?

Acredito que tem que ser uma mistura dos dois. Criticar quando tiver que criticar, mas construtivamente, e divulgar o clube quando houver necessidade.

8.2.5: Marco Lima

1- Como você avalia a cobertura nos jornais da cidade?

De bom nível, feita por profissionais qualificados e experientes.

2- O Tupi é bem destacado pelos jornais?

Sim, cada um dos jornais tem editores especializados, uma página específica sobre esportes e a cobertura multimídia estendida ao espaço das redes sociais.

3- Você acredita que todas as coisas que acontecem no clube são noticiadas?

Não. Ainda existe uma certa preocupação em não ferir suscetibilidades e em não criar constrangimentos com críticas à gestão do clube.

4- O que, na sua opinião, falta ser melhor informado no clube?

Não falta. O nível de informação é satisfatório

5- Na sua opinião, qual a maior dificuldade do torcedor que quer se manter informado sobre o Tupi?

A informação disponível quase em tempo real, como acontece nos grandes clubes.

6- Acha que falta mais crítica na cobertura?

Sim, falta jornalismo esportivo de opinião em JF.

7- Em qual período você sente a maior dificuldade em achar informações sobre o clube?

No recesso do departamento de futebol, durante as férias.

8- Você acha que o jornalista deve ser imparcial em relação ao Tupi, ou tem que ajudar a divulgar o clube?

A imparcialidade é um pré-requisito ético do jornalista.

8.2.6: Bruno Halfeld

1- Como você avalia a cobertura nos jornais da cidade?

Muito fraca, a atenção dada aos clubes cariocas é desproporcional a dada ao Tupi, mesmo o clube sendo da cidade.

2- O Tupi é bem destacado pelos jornais?

Não, na maior parte do tempo nos resta ler rodapés e pequenas matérias.

3- Você acredita que todas as coisas que acontecem no clube são noticiadas?

O que acontece é que, como disse o assessor de imprensa do galo Aílton Alves "Não existe uma política de informação no Tupi", ou seja, a própria diretoria não colabora para que notícias sejam veiculadas.

4- O que, na sua opinião, falta ser melhor informado no clube?

O fato da cobertura jornalística ser feita, de maneira oficial, por apenas um profissional torna o trabalho muito mais difícil. Faltam informações sobre contratos, patrocínios, etc.

5- Na sua opinião, qual a maior dificuldade do torcedor que quer se manter informado sobre o Tupi?

Falta de prioridade nas notícias, aquilo que é sobre o clube da cidade. É dada muito mais importância ao empate de um carioca a uma vitória do Tupi.

6- Acha que falta mais crítica na cobertura?

Claro, as poucas coberturas realizadas, normalmente são "passando a mão na cabeça". Falta crítica na mídia em geral aqui em Juiz de Fora, a imprensa vive uma ditadura simbólica. Pouco se critica e a mesma quando é feita, não é vista com bons olhos.

7- Em qual período você sente a maior dificuldade em achar informações sobre o clube?

Na inter-temporada, esse período aparenta que não se existe mais o Tupi, o que se recebe de notícias normalmente são especulações sobre um nome ou outro, um patrocinador ou outro, mas nada de concreto.

8- Você acha que o jornalista deve ser imparcial em relação ao Tupi, ou tem que ajudar a divulgar o clube?

Se tratando de um clube do interior e com o agravante da falta de identificação Cidade x Clube, é papel do jornalista ajudar a divulgar, opinar, criticar as contratações, jogos, etc.

8.2.7: Vitor Lima Gualberto

1- Como você avalia a cobertura nos jornais da cidade?

A cobertura é regular. A Rádio Globo JF infelizmente é a única emissora de rádio que cobre o Tupi diariamente.

2- O Tupi é bem destacado pelos jornais?

Apesar de pouco, creio que seja bem destacado, sim.

3- Você acredita que todas as coisas que acontecem no clube são noticiadas?

Muitas coisas não são noticiadas, creio eu pelo fato da imprensa não conseguir "pesar" certas informações que rolam dentro do clube.

4- O que, na sua opinião, falta ser melhor informado no clube?

Prestação de contas, sem dúvidas.

5- Na sua opinião, qual a maior dificuldade do torcedor que quer se manter informado sobre o Tupi?

Apesar de não ser muito bem destacado, há muitas informações, sim.

6- Acha que falta mais crítica na cobertura?

Não.

7- Em qual período você sente a maior dificuldade em achar informações sobre o clube?

Meses antes do início do campeonato estadual e inicial.

8- Você acha que o jornalista deve ser imparcial em relação ao Tupi, ou tem que ajudar a divulgar o clube?

O jornalista local tem que valorizar, sim, o Tupi Futebol Clube. Até porque, sem ele, o jornalista que tem um foco no esporte, por exemplo, não é ninguém. Apesar de estar na Superliga, por exemplo, vôlei não é tão bem divulgado quanto o futebol. Exemplos de profissionais que sempre ajudaram a divulgar o Tupi não faltam: Dudu Monsanto, Carlos Alberto Ferreira, Henrique Fernandes, etc.

8.2.8: Airton de Paula Soares

1- Como você avalia a cobertura nos jornais da cidade?

Os jornais veiculam notícias do clube, principalmente durante o curso do campeonato. Obviamente, por tratar-se do único clube com futebol profissional da cidade, ele nunca deixa de ser tema de matérias e tem cobertura de sua participação em campeonatos regionais e nacionais.

2- O Tupi é bem destacado pelos jornais?

Sim, como disse, é o único clube de futebol profissional na cidade. Hoje divide um pouco as atenções com a equipe de vôlei da UFJF, que também está participando de campeonato nacional.

3- Você acredita que todas as coisas que acontecem no clube são noticiadas?

Não. Essa talvez seja a minha maior crítica. Muitas vezes notamos que há parcialidade, que pode até acontecer uma blindagem da imprensa para assuntos mais polêmicos e obscuros que ocorrem dentro do clube.

4- O que, na sua opinião, falta ser melhor informado no clube?

Muitos assuntos não são amplamente divulgados, como, por exemplo, o motivo de tantas saídas de jogadores no segundo semestre. Um possível atraso nos pagamentos nunca foi realmente elucidado. Uma pequena investigação pelos repórteres locais poderia trazer a tona problemas de gestão, talvez, mas isso nunca aconteceu.

5- Na sua opinião, qual a maior dificuldade do torcedor que quer se manter informado sobre o Tupi?

Notícia verdadeira deve ser obtida mediante gente bem informada, que frequenta o clube e tem acesso a membros da comissão ou jogadores. Os jornais dão notícias gerais, mas não entram fundo no dia a dia do clube e seus problemas estruturais.

6- Acha que falta mais crítica na cobertura?

Sem dúvida. Sei que uma visão puramente crítica pode arruinar as pretensões do clube, mas ela deve existir e apontar erros. Não deve ser vazia, menosprezando o time, como já aconteceu na mídia televisiva, mas pode ser construtiva e nos manter informados e bem situados quanto ao que esperar do time.

7- Em qual período você sente a maior dificuldade em achar informações sobre o clube?

Nos períodos em que o time não participa de campeonatos

8- Você acha que o jornalista deve ser imparcial em relação ao Tupi, ou tem que ajudar a divulgar o clube?

Imparcial, mostrando o dia a dia do time. Artigos de comentaristas podem divulgar o clube, mas o texto jornalístico deve mostrar o que realmente ocorre. Cito como exemplo a cobertura de rádio, que faz a propaganda do jogo, para gerar audiência, mas nunca deixa de apontar alguma atuação ruim, seja do time, seja de um jogador específico.

8.2.9: Leonardo Iung

1- Como você avalia a cobertura nos jornais da cidade?

Razoável.

2- O Tupi é bem destacado pelos jornais?

Não, sendo opção de matéria aos demais clubes do Rio.

3- Você acredita que todas as coisas que acontecem no clube são noticiadas?

Não, exemplo disso é o caso do "assalto" ocorrido em julho/2012.

4- O que, na sua opinião, falta ser melhor informado no clube?

Falta a divulgação histórica das partidas além de uma boa cobertura do Pré-jogo.

5- Na sua opinião, qual a maior dificuldade do torcedor que quer se manter informado sobre o Tupi?

As notícias pós-jogo, tendo em vista que o maior jornal da cidade não circula as segundas-feiras.

6- Acha que falta mais crítica na cobertura?

Com certeza, entretanto deveria ser feita por algum colunista semanal e não dentro da cobertura do clube.

7- Em qual período você sente a maior dificuldade em achar informações sobre o clube?

Na Pré-temporada.

8- Você acha que o jornalista deve ser imparcial em relação ao Tupi, ou tem que ajudar a divulgar o clube?

Depende do veículo de comunicação, se de âmbito local pode e deve com certeza ser bairrista.

8.2.10: Ubiratan Esteves Caniato

1- Como você avalia a cobertura nos jornais da cidade?

Infelizmente apenas um órgão de comunicação, que são afiliados (radio globo/tve), davam ênfase ao Tupi. Os demais apresentavam apenas notas rápidas.

2- O Tupi é bem destacado pelos jornais?

Não. Na verdade, como único clube da cidade a representar profissionalmente o futebol de Juiz de Fora, acho que deveria ser dado muito mais destaque.

3- Você acredita que todas as coisas que acontecem no clube são noticiadas?

Tenho certeza que não. Mas isso não exclusividade do Tupi, isso é comum no país.

4- O que, na sua opinião, falta ser melhor informado no clube?

A destinação dos recursos. Os investimentos e onde são aplicadas as verbas.

5- Na sua opinião, qual a maior dificuldade do torcedor que quer se manter informado sobre o Tupi?

Sinceramente, apesar de apenas uma emissora divulgar notícias do Tupi, não podemos nos queixar. Eles fazem um trabalho excelente.

6- Acha que falta mais crítica na cobertura?

No meu ponto de vista não.

7- Em qual período você sente a maior dificuldade em achar informações sobre o clube?

As informações hoje são passadas, normalmente, as 17h30 horas, através de uma emissora. Tirando esse horário, eu, pessoalmente, não tenho acesso a outras notícias.

8- Você acha que o jornalista deve ser imparcial em relação ao Tupi, ou tem que ajudar a divulgar o clube?

Quando se trata de paixão, de um representante de nossa cidade, acho que todo esforço é válido para o bem do Tupi. Acho que independente da profissão, todos nós devemos divulgar o clube.